A CENA MUDA



Nº 6 — 1955
2ª quinzena de março
Cr$ 5,00 em todo o Brasil



VIVA VIRGINIA!

ELA É UMA RAINHA DO TEATRO DE REVISTA!





VIRGÍNIA LANE é um dos nomes mais queridos das noites cariocas. Há anos que ela vem enfeitando com seu rostinho encantador e a sua plástica invejável, as revistas teatrais, cantando, dançando e representando como uma verdadeira "estrêla".

Virgínia estêve no rádio e já gravou melodias para o carnaval, fazendo ambas as coisas com sucesso. Agora, além do teatro de revistas que é na verdade o seu gênero e a sua vocação, Virgínia está na Televisão e ali pode ser "vista" com o mesmo encanto de sempre.

Ela é do tipo "mignon", mas no seu caso o tamanho não foi documento, isso porque Virgínia Lane conquistou um pôsto que há longos anos vem mantendo: o de "vedette" número um do teatro de revistas.

Casada com Sérgio Kroeff, ela teve há pouco tempo, sua felicidade ameaçada por interferência da família de seu marido que não via com bons olhos o casamento, achando que Virgínia pertencia a um meio incompatível com o nome de Sérgio. Paciente e lutadora, Virgínia venceu a batalha e agora conserva, muito feliz, as duas coisas: a fama e o marido. Está com tudo! Viva Virgínia! (Fotos Emérico).



BATE PAPO COM O LEITOR

Êste número da melhor revista de cinema do Brasil — segundo a opinião lisonjeira de todos vocês que tanto nos estimulam através de cartas, telegramas e visitas pessoais à nossa redação — está em tudo, por tudo, movimentadíssimo!

Quiseram os fados que pudéssemos reunir nesta edição tantos artistas famosos e focalizá-los em nossas páginas da maneira pela qual vocês mais apreciam: em reportagens amplas ou simplesmente em páginas inteiras com texto leve e fotos grandes.

—— // ——

Comecemos citando a ampla reportagem fotográfica sôbre Rhonda Flemming e seu momentoso caso sentimental que não é com outro, senão com o próprio marido. Por causa dos ciúmes dêle, Rhonda quis consumar o divórcio... mas esperem! É melhor, mesmo ler a reportagem que está logo nas páginas que se seguem. As fotos — atentem bem — são exclusivas de «A CENA»!

—— // ——

Já se falou muito nesta revista sôbre essa beldade que a todos encanta: Yvonne De Carlo. Julgamos oportuno contar a sua história nos mínimos detalhes. Ela é uma das grandes atrações das páginas coloridas desta edição!

—— // ——

Não sòmente em Hollywood se fazem filmes em Technicolor. «A CENA» resolveu «filmar» em côres e vem apresentando páginas em technicolor que são a delícia de todos vocês, bem sabemos.

Pois bem. Nas páginas em technicolor encontrarão Virgínia Lane, Frank Sinatra, Laura Hidalgo, Esther Williams, Pier Angeli e Burt Lancaster. Uma grande equpe de «estrêlas» famosas. São páginas feitas para ler, recortar e colecionar. Muitos leitores nos escreveram contando que estão procedendo dessa forma desde que «A CENA» iniciou sua movimentada e amplamente vitoriosa fase quinzenal e multicolorida. É uma grande idéia. Vamos segui-la, pessoal? E não esqueçam de enviar sugestões! Vocês mandam em «A CENA»!

—— // ——

O cinema brasileiro nunca estêve tão presente nas páginas de «A CENA» como nesta edição. Sinão, vejamos. Um «trailer» de «Os três garimpeiros», um filme nacional realizado em São Paulo com a mesma dupla de «O Cangaceiro»: Alberto Ruschel e Milton Ribeiro, êste repetindo seu papel de homem mau. Um grande artigo sôbre Arturo De Cordova e seu segundo filme no Brasil, «Leonora dos Sete Mares». Uma página dedicada a Ronaldo Lupo e Diana Morel, a dupla do cinema brasileiro. Uma dupla que promete fazer grande sucesso, dependendo naturalmente da opinião final de vocês — os grandes juízes!

—— // ——

Antes de encerrar êste bate-papo — que é o último do Redator «X», finda que é sua missão nesta revista — queremos agradecer o apoio recebido de todos vocês. Dessa vez o obrigado sincero e as despedidas daquele que foi durante dez meses o

Redator «X»

Nº 6 — 2ª Quinzena de Março — 1955

SUMÁRIO

REPORTAGENS EM TECHNICOLOR

Viva Virgínia! (Virgínia Lane) ... 2ª capa
Já sou adulta! (Pier Angeli) ... 24/25

REPORTAGENS COLORIDAS

O romance de Rhonda (Rhonda Flemming) ... 4/5/6
Yvonne De Carlo, a estrêla que se impôs ... 44/45

ATRAÇÕES EM TECHNICOLOR

Frank Sinatra ... 3ª capa
Laura Hidalgo ... 4ª capa
Esther Williams ... 23
Burt Lancaster ... 26

REPORTAGENS ESPECIAIS

Despede-se Laura Hidalgo ... 11
Linda e Preciosa ... 18/19
De jogador a artista (Forrest Tucker) ... 28/29
Casais de Hollywood ... 30/31
O mais jovem «mocinho» do cinema ... 34
Première de «O Egípcio» ... 36/37

SECÇÕES PERMANENTES

Cinema Nacional em Foco ... 8/9
Discos ... 20/21
Cine Passatempo ... 35
Rádio ... 38/39
A Cena às suas ordens ... 40

ATRAÇÕES DIVERSAS

Os Três Garimpeiros ... 12/13
Richard Burton ... 15
Leonora dos Sete Mares ... 16/17
Jeanne Crain ... 22
Vera Miles ... 27
Dupla Brasileira ... 32
Richard Widmark ... 33
Michael Rennie ... 43
Corinne Calvet ... 46

PROPRIEDADE DA:
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

DIRETOR:
GRATULIANO BRITO

★

A CENA mantém correspondentes em Hollywood, Londres, Paris, Roma e na América do Sul. Acordos especiais e exclusivos com a «Press Cinema» e «Mondi Press».

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade ... 22-9570
Redação ... 22-4447
Gerência ... 22-8647
Administração e Contabilidade ... 22-2550
Portaria ... 22-5602

Enderêço Telegráfico: « REVISTA »

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 5,00
Assinatura anual (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura semestral (13 números)	Cr$ 50,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 60,00
Assinatura para o estrangeiro (anual)	Cr$ 180,00
Assinatura para o estrangeiro (semestral)	Cr$ 90,00

CAPA

Na capa desta edição a «estrelinha» que está muito em evidência após seu casamento (inesperado) com o cantor Vic Damone e o lamentável acidente que a vitimou e quase fazia com que perdesse seu primeiro filho. Sim! Ela mesma: Pier Angeli. Boneca que se torna mulher. Atriz juvenil que se transforma em grande «estrêla». A mais risonha promessa de Hollywood — aos fãs — para o futuro!



Ela é uma das «estrêlas» mais belas de Hollywood. E também a que possui um busto capaz de rivalizar com as Lollobrigidas e as Lorens. Nunca entrou em semelhante campeonato, mas se o fizesse — podem crer — não ficaria em segundo lugar...





A plástica de Rhonda Flemming é outro ponto a admirar nessa linda artista. Dotada de «glamour» especial, Rhonda é páreo para suas colegas de Hollywood.

Quando estêve no Brasil durante o último Festival de Cinema em São Paulo, Rhonda atendeu gentilmente os jornalistas. E foi surpreendida em pôses assim!...

O Dr. Lew Morrill, atual marido da «estrêla» é muito ciumento e por vêzes deu conselhos a Rhonda sôbre como portar-se nas festas. Um sujeitinho antipático...



Rhonda Flemming chama-se na vida real Marilyn Louis, porém seu descobridor, o agente de artistas Henry Wilson achou que êsse nome não traria fama a ninguém e mudou-o para o atual. Anos mais tarde outra Marilyn — a Monroe — tomaria conta de Hollywood...

O ROMANCE DE RHONDA

Por MARY LYNN





Cansada das cenas de ciúme de seu espôso, Rhonda quis pedir divórcio e chegou a consumar uma separação de algumas semanas. Mas não levou o plano adiante por que o «mocinho» sofreu um desastre e Rhonda sentiu muita pena dêle...

OS ciúmes do dr. Lew Morrill provocaram sérias discussões entre êle e Rhonda, tão logo regressaram do Brasil. A «estrêla» não suportando mais as cenas de ciúme do espôso, achou melhor propor uma ação de divórcio, porém o dr. Lew Morrill só faltou ajoelhar-se diante dela, invocando o passado, para que Rhonda mudasse de idéia. A artista concordou numa separação temporária, como uma lição ao ciumento marido, ciumento aliás sem nenhuma razão, porque Rhonda é uma criatura que tem a cabeça no respectivo lugar e jamais se deixaria levar para situações comprometedoras.

O Destino veio, no entanto, agir em favor do dr. Morrill, isso porque dias depois da separação estar consumada e os colunistas de Hollywood haverem proclamado o divórcio como coisa certa, êle sofre sério desastre e se vê imobilizado numa cama de hospital. Naturalmente êsse acontecimento abalou Rhonda e novamente uniu os dois «brigões». Estão saindo juntos e do divórcio pouco se comenta agora. O amor é o sentimento mais estranho que existe no mundo, principalmente quando vivido por uma famosa «estrêla» de Hollywood...

O ROMANCE DE RHONDA

SENTADA numa poltrona da sala de estar de sua confortável residência, em Beverly Hills, Rhonda Flemming me conta a sua vida. Seus olhos limpidamente verdes contrastam com o castanho de seus cabelos e o seu sorriso é o mais bonito que já vi. Tudo em Rhonda nos lembra mocidade e beleza e de tais predicados a artista lançou mão para triunfar no cinema. Ela recorda agora, entre goles de puro uísque escocês, a sua trajetória pelo mundo artístico.

Rhonda foi, talvez, a mais notável descoberta dêsse «monstro» entre os agentes de artistas que circulam em Hollywood. Chama-se Henry Wilson e foi o primeiro a olhar essa linda garôta com olhos diferentes. Henry descobriu nela alguma coisa mais que beleza: descobriu talento. O mais importante é que êle confiou nesse talento e fêz por onde Rhonda pudesse triunfar numa carreira difícil. Rhonda usava, então, seu nome verdadeiro, Marilyn Louis, porém Wilson achou que êsse nome não a levaria adiante e sugeriu uma mudança. Pensaram muito ambos e concluíram pela aprovação de Rhonda Flemming. Agora uma outra Marilyn — a Monroe — está abafando a banca em Hollywood. Mas quem tem o direito de adivinhar uma coisa dessas?

Atriz, dançarina e excelente cantora, Rhonda Flemming tem tido muitos êxitos em seus filmes. Podemos citar, entre êles, alguns que nos parecem as suas melhores atuações: «Um Ianque na Côrte do Rei Artur», « A Mensagem dos Renegados», «Mercado de Paixões» e «Hong Kong».

Rhonda estêve no Brasil durante o Festival de São Paulo e foi uma das «estrêlas» americanas que mais brilhou com a sua beleza fresca, seu sorriso encantador e acentuada simpatia. Veio em companhia do segundo espôso, Dr. Lew Morrill, que entre outras coisas, é um homem muito ciumento. Não fôsse por Rhonda, seria impossível suportar o Dr. Morrill...



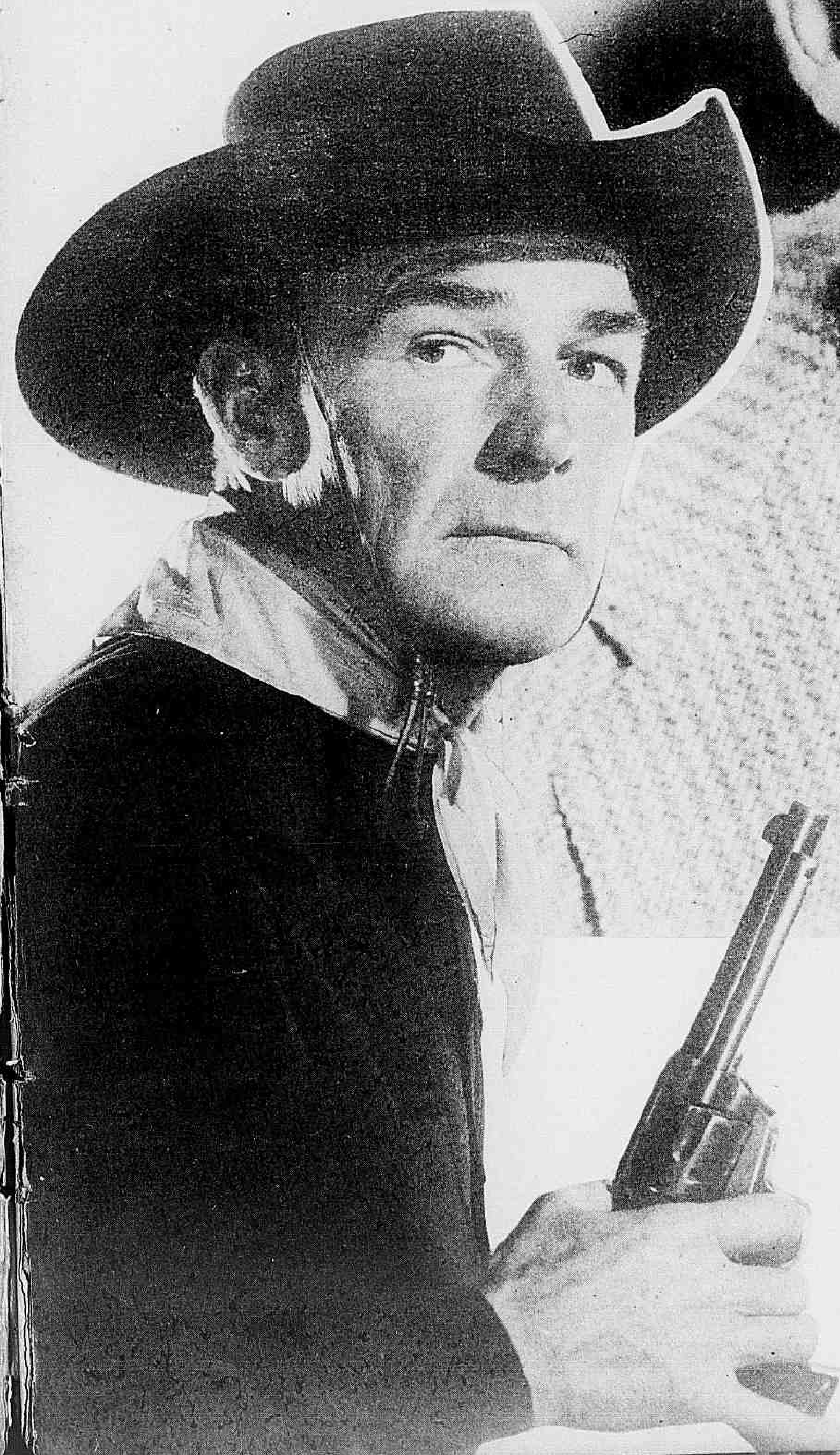


Belíssima, talentosa, Rhonda Flemming ainda não atingiu o pôsto máximo em Hollywood. Mas não está longe o seu dia de Glória!

RANDOLPH SCOTT

ETERNO «COW-BOY»





Um veterano de valor: Randolph Scott, especialista nos papéis de «cow-boy».

NINGUÉM tem mais resistido ao tempo em Hollywood do que Randolph Scott. Apesar disso continua com o mesmo cartaz e é ainda o ator ágil e correto dos primeiros tempos.

Seu gênero é o «far-west» e especializou-se, portanto, nos tipos de «cow-boy». Como tal, tem aparecido em inúmeros filmes e seu público prossegue estável. Não tem pretensões de abandonar o gênero que lhe deu fortuna e popularidade e não pensa, como a maioria dos atores hoje em dia, produzir seus próprios filmes. Considera-se bem pago na Warner Bros. em cujos estúdios filma ininterruptamente. Dêle assistiremos, breve, «Feras Humanas» e «Nas Garras do Homem Alto», e é provável que venha a filmar futuramente em CinemaScope.



AGNES FOI A PARIS

A «ESTRÊLA» BRASILEIRA FOI ELEITA A MAIS ELEGANTE E GANHOU UMA VIAGEM A PARIS — DEIXOU DE FILMAR COM JEAN GABIN PARA FAZER UM FILME EM S. PAULO — AGNES FONTOURA E SUAS IMPRESSÕES DE VIAGEM



Agnes em Paris, cidade que conquistou com sua grande simpatia!

AGNES FONTOURA é uma criatura belíssima. Quando estêve em Paris, há pouquíssimo tempo, encantou de tal maneira aos franceses e representou tão bem a mulher brasileira que imediatamente recebeu propostas para fazer dois filmes. E em um dêles teria como companheiro o famoso Jean Gabin. Foi, igualmente, convidada para fazer uma produção na Alemanha, por Ralf Habid. No entanto, Agnes não considerou essas propostas e voltou para o Brasil e no Rio aceitou o convite que lhe fêz Oswaldo Sampaio para ser a «estrêla» de «A Estrada», o filme que está sendo rodado em São Paulo nos estúdios da Multifilmes. Agnes, em lugar de Gabin, preferiu trabalhar ao lado dos artistas brasileiros.

Agnes contou à «A Cena» sôbre sua visita a Paris. Desde a primeira noite ela não parou um instante. Recebia vários convites para recepções, jantares e festas. E a todos os lugares que ia sempre estava acompanhada por Georges Guitary, o seu fã número um. E diz que tanta atividade impediu que visse tudo que desejava.

Contou Agnes que uma noite em que estava na buate «Scheerazade» tomou um susto ao notar que o príncipe Ali Khan não despregava os olhos dela. E o susto ainda foi maior quando o famoso príncipe muçulmano piscou um olho para a nossa Agnes.

Achou muito interessante aquêle restaurante em «Montparnasse» no qual, após finda a refeição, os clientes quebram os pratos.

Ela conta emocionada:

— Os dias iam passando, uns mais rápidos que os outros, e quando menos esperava, encontrava-me de novo junto ao meu povo. Muitas vêzes, confesso, eu me perguntava se não estaria vivendo um sonho.

Agnes voltou ao seu Brasil e muito contente pela oportunidade que teve de conhecer a Cidade Luz. Agora é francamente do cinema nacional e espera que «A Estrada» venha a obter as honras de um espetáculo internacional.



O LEITOR DIZ O QUE PENSA

COMENTÁRIOS E NOTAS

O cinema é uma arte que desde seu aparecimento conseguiu conquistar milhões de adeptos quer pela sua técnica, quer pela sua arte magnífica da imagem em movimento. Não há por êste mundo afora quem não aprecie um bom filme, ou após ter lido um romance de valor não deseje ver a história do livro transportada para a tela, onde conseqüentemente as personagens conseguirão melhor impressionar aos espectadores sempre atentos aos menores detalhes. Os cineastas por sua vez, vivem sempre e sempre a procura de novos talentos, de argumentos melhores e tudo o mais que possa cooperar para uma realização que desperte o interêsse do grande público. Por êsse motivo grandes temas foram transpostos para a tela e dessa maneira os afeiçoados da Sétima Arte puderam apreciar filmes que marcaram época e que nunca serão esquecidos. Melhorando cada vez mais e mais em sua técnica e também em sua parte artística, a cinematografia veio então ocupar o lugar de honra que hoje ocupa entre os povos civilizados. Ora, como era de se esperar, os fãs foram criando as suas próprias manias, os seus hábitos com relação ao cinema, e tudo querem ler, tudo procuram, rebuscam, desejam saber de tôdas as coisas dessa diversão-arte, tão querida de todos nós. Assim é que, até mesmo sôbre a vida particular de um astro ou de uma estrêla do cinema, interessa sobremaneira aos fãs de todo o globo. E as revistas especializadas, os jornais e outros órgãos de imprensa procuram sempre corresponder à espectativa, publicando tudo que é possível saber-se com respeito aos grandes cartazes da terra do cinema. Nós que também amamos a cinematografia, gostamos de folhear velhas revistas com cenas de antigos filmes, de escrever o que pensamos a respeito e de externar aos nossos amigos e conhecidos, nossa opinião sôbre êste ou aquêle filme ou artista. Num dêsses dias, quando começa a cair aquela chuvinha vaporosa que envolve tôda a cidade e que muitas vêzes mexe com nossos nervos, comecei a revolver os meus álbuns de recortes, enfim todo o meu arquivo de cinema e fui encontrar tanta recordação, tanta coisa do cinema de alguns anos atraz... No meu pensamento fui revendo todos os bons filmes que assisti, tudo de bom que já pude ver no retângulo prateado da tela... Foi então que tive a idéia de escrever êsse despretencioso trabalho. Portanto, para o fã curioso, para aquêles que apreciam recordar coisas do cinema, eu dedico êstes comentários e notas que aí vão.

Abrindo o álbum das recordações, encontro-me ante os seguintes assentamentos:

* * *

Quer nos parecer se não nos falham as notas, o primeiro grande filme brasileiro, foi «Barro Humano». Estreiado em 1928, tendo como Diretor, Ademar Gonzaga. Um filme da Cinédia, onde tiveram sua primeira e única oportunidade, Eva Shonoore e Gina Cavaliere. No «cast» figuraram ainda: Gracia Morena (estrêla), Carlos Modesto (galã), Eva Nil, Lelita Rosa, Carmem Violeta, Lia René, Luiza Dell Vale, Oly Mar, Milton Dória, Raul Shonoore, Stela Mar, Brutos Pedreira, Plínio Ferraz, Yvonne Strandford, Gabriel Macedo, João Guimarães, Margaret Ewards, Edgar Brasil, Humberto Mauro e Pedro Luiz.

* * *

Teve início precisamente em 10 de julho de 1906, pela «Biograph Co.» a rodagem do primeiro filme americano, tendo A. H. Van Guysling como produtor e cinegrafista O. Grove. Tratava-se de «A Dailing Hold Up In Southern Califórnia». As primeiras cenas foram filmadas em Plumers Ranch e em Sta. Mônica. Esta película foi estreada em New York em 29 de julho...

* * *

Pear White, querida estrêla do silencioso, entrou para o cinema em abril de 1910. Trabalhou na «Ameri a Pathé Company» em New Jersey. Tornou-se famosa pela sua série, «Os Perigos de Paulina» para a «Eletric Film Co.» Um outro seriado, «As Aventuras de Flaime», deu um total de 17 milhas de filme. Logo após, «Perigos de Paris» em 1925, a estrêla retirou-se do cinema e foi viver na capital francesa...

Em 1913, Katlyn Williams, estrelou o primeiro filme em série que se chamou, «As Aventuras de Catarina». Entretanto, Edson já havia realizado uma série de filmes no gênero: «O Que Aconteceu a Mary», com a diferença que eram filmes com assuntos completos, como o caso dos filmes de Tarzan, de Charlie Chan, e outros. A França também teve o seu primeiro seriado com a apresentação daquele distante «Fantomas»...

* * *

Em janeiro de 1913 adquiridos os direitos em New York, foi feita a representação do filme «Tosca» com Sara Bernhardt. O drama de V. Sardou, da Caesar Filme de Roma, apareceu no Rio em 1918 com Francesca Bertini. E o primeiro filme seriado da Paramount, foi «Quem era o nº 1?» isto em 1918, com Katlyn Cliffords na protagonista.

* * *

Louis Lumière, considerado o verdadeiro pai da cinematografia, nasceu em 5 de outubro de 1864 e faleceu em 5 de junho de 1948. Contava portanto, 84 anos. Pelo que se pode constatar êle acompanhou por muito tempo a evolução de sua obra.

* * *

A Lux Film foi a única companhia que conseguiu uma permissão especial do Vaticano, para filmar a cúpula da Basílica de São Pedro em Roma. Isto devido o caráter do filme, que foi «Um Ianque na Itália». As cenas em que aparecem algumas vistas valiosas, foram feitas com Valentina Cortese e Leo Dale. Uma realização de Luigi Zampa.

* * *

O cinema falado experimental, nasceu em 1889, quando Edson projetou filmes em conexão com o fonógrafo. Todavia sòmente em 1926 apareceu o verdadeiro cinema falado, que na ocasião revolucionou o mundo inteiro...

* * *

Em 14 de agôsto de 1896, o «Diário de Lisboa» publicava a seguinte nota: «Estréia hoje no D. Amélia, o animatógrafo, vindo do teatro Alhambra de Londres.

* * *

Em Lisboa o primeiro documentário foi realizado por Manuel Maria da Costa Veiga, que em 1899 filmou «Aspectos da Praia de Cascais». Em 1907: «Tourada a antiga portuguêsa», «Exercícios de artilharia em Belém», e a reportagem, «Visita dos reis Eduardo VII, Guilherme II e Afonso XII». Depois em 1919, foi fundada a Invicta Films. A primeira produção foi «Rosa do Adro», com Maria de Oliveira, Érico Braga, Carlos Santos, Etelvina Serra, Eduarte Lima e outros. A realização foi de George Pallu. Em 1933 é produzido o primeiro fonofilme em Portugal, realizado e gravado nos estúdios da «Invicta»: «A Canção de Lisboa» que teve a sua estréia em novembro de 1934, no cinema São Luiz. Direção de Cottineli Telmo.

* * *

— Em 6 de junho de 1945, um vespertino carioca deu várias notícias a respeito de uma nova invenção: O cinema no palcó, com luzes acesas e imagens em terceira dimensão. Ao lado dessas notas uma fotografia do inventor, o brasileiro sr. Sebastião Comparado. A 3-D veio mesmo, todavia ninguém se lembra mais dêsse grande inventor patrício e quem recebe as honrarias da nova técnica é outro de nacionalidade estrangeira... O mundo é mesmo dos espertos pelo que se vê... E aqui terminamos êste nosso passeio através dos tempos, rememorando coisas e fatos interessantes do cinema alguns anos atrás. Brevemente voltaremos a recordar outras coisas curiosas da Sétima Arte.

(Do leitor BRAGA FONSECA, Caxambu, Minas)

(Cont. na pág. 40)

Um concurso diferente!...

PEDIMOS AOS SRS. COMERCIANTES INFORMAREM AS SUAS FREGUESAS E FREGUESES

CRS 10.000,00 P/ OS CONSUMIDORES — 176 DÚZIAS DE ÓLEO DE CEDRO P/ OS COMERCIANTES QUATRO VÊZES POR ANO

Coloque num envelope 1 rótulo de ÓLEO DE CEDRO acompanhado de seu nome completo e endorêço, assim como o local em que foi comprado o vidro de óleo, RUA E NÚMERO. Remeta a carta para:

«CONCURSO DO «ÓLEO DE CEDRO» — Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio de Janeiro.

Com esta carta a pessoa estará habilitada aos sorteios que se realizarão nos dias: 31-3-55 — 30-6-55 — 29-9-55 — 29-12-55, às 21,30 horas da noite na Rádio Vera Cruz.

Serão distribuídos os prêmios seguintes: PARA OS CONSUMIDORES: 25 prêmios de Cr$ 50,00, 1 prêmio de Cr$ 250,00, 1 prêmio de Cr$ 500,00, 1 prêmio de Cr$ 1.000,00, 1 prêmio de Cr$ 2.000,00 e 1 prêmio de Cr$ 5.000,00.

PARA OS PROPRIETÁRIOS DAS CASAS COMERCIAIS QUE VENDEM O NOSSO PRODUTO: 25 prêmios de 1 dúzia de ÓLEO DE CEDRO, 1 prêmio de 40 dúzias e 1 prêmio de 100 dúzias, tudo correspondente aos prêmios dados aos consumidores.

Tôdas as cartas recebidas serão colocadas no Auditório da Rádio Vera Cruz, nos dias do Concurso, quando então um Cego, contratado pela Rádio, irá escolhendo as cartas a serem premiadas.

O MAXIMO DE HONESTIDADE NUM CONCURSO DIFERENTE!...

O resultado dêste concurso será publicado em diversos jornais e revistas, inclusive na Revista do Rádio.

Quaisquer informações na Av. Rio Branco, 137 - sala 616
Telefones: 32-9415 e 32-9309

PARA O ÁLBUM DO FÃ

FOTOS DO SEU CRAQUE E CLUBE FAVORITOS ARTISTA DE RADIO OU DO CINEMA BRASILEIRO

TAMANHOS :
13 x 18 — Cr$ 15,00 ● 18 x 24 — Cr$ 30,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal a Newton Viana:
Praça Floriano, 19 - 1º and., s/13 — Edifício Império — Cinelândia

Queira enviar-me pelo Reembôlso........**fotografia (s) de**..................
....
(Nome do jogador, clube ou artista)

NOME..
RUA...
CIDADE..................................**ESTADO**...............

Rádio

MILTON SALLES

DAQUI, DALI, DACOLÁ

Alba Regina (espôsa de Carlos Pallut) voltou ao microfone, animando as audições do «Copacabana Clube», na Emissora Metropolitana.

* * *

Falando ao cronita antes de embarcar para Marília (a fim de visitar amigos e parentes), o locutor esportivo Wolner Camargo mostrou-se propenso a deixar as atividades radiofônicas para dedicar-se à odontologia.

* * *

A cantora italiana Maria Simonetti (anunciada como a rainha da cançoneta italiana) está realizando uma temporada na Tupi, onde se vem apresentando às quartas, no horário das 20,05.

* * *

Simone Morais (que ficou sem emissora após um qui-pro-quó com o diretor da Rádio Jornal do Brasil) ingressou na Rádio Tupi. É uma das melhores figuras do elenco dirigido por Olavo de Barros.

* * *

Estão insistindo junto a Iara Salles para que ela volte a fazer rádio-teatro, na Mundial. Iara, porém, tem-se mostrado irredutível, em face de sua atividade como animadora do «Trem da Alegria».

* * *

Hélio Fernandes está se empenhando a fundo para que a Rádio Mauá readquira o antigo prestígio. Até o jornal falado da emissora êle tem escrito para mostrar como se faz a coisa...

* * *

Nélio Pinheiro voltou ao Rio, firmando contrato com a Rádio Mundial, na base de 55 mil cruzeiros mensais. Como se recorda, há algum tempo êle deixou a Nacional para ganhar 40 mil cruzeiros por mês na Rádio São Paulo.

* * *

A Emissora Continental perdeu a concessão para instalação de estações de rádio em Niterói e Duque de Caxias.

* * *

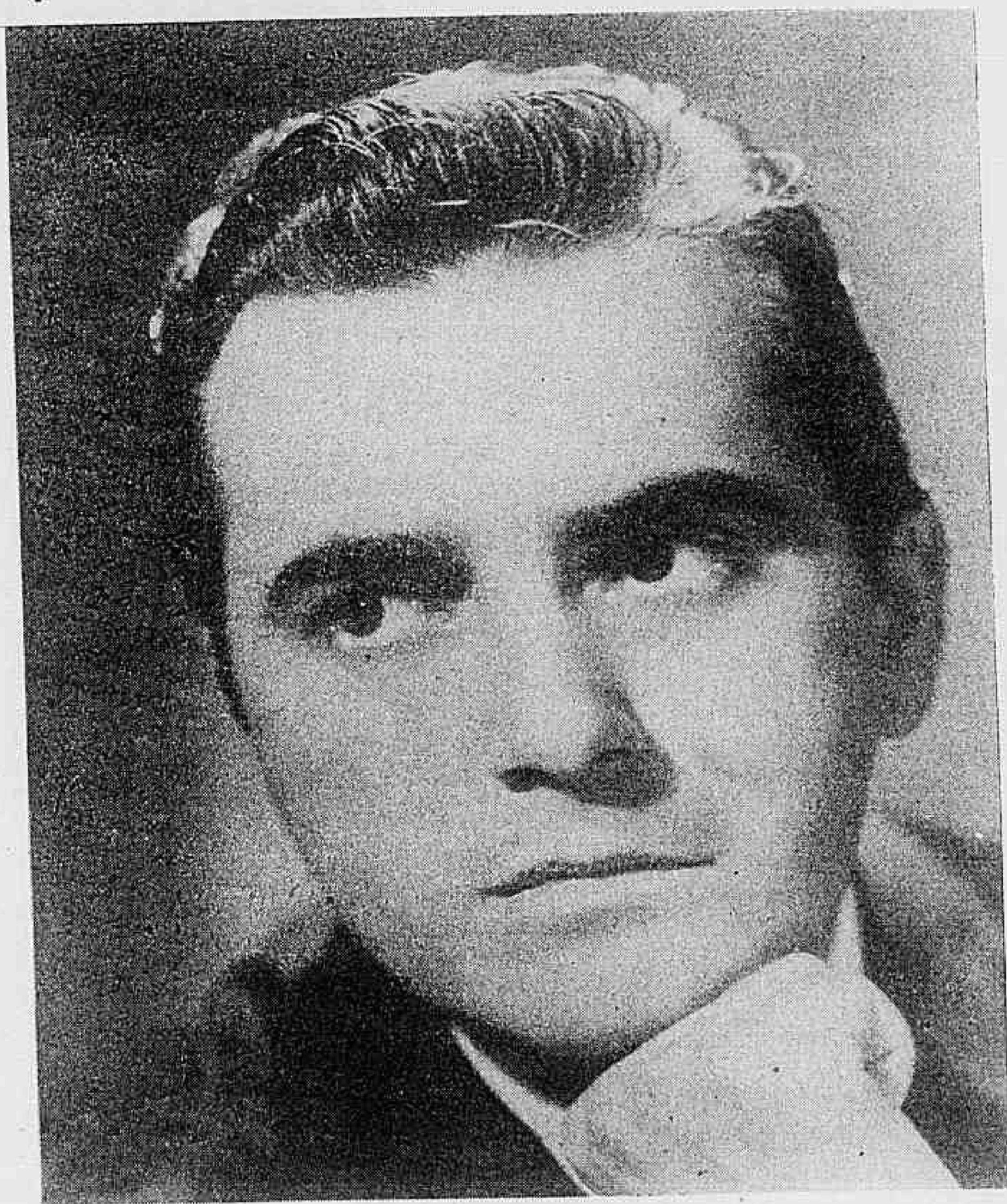
Um dos fortes da programação da Mundial (ao que apuramos em fontes merecedoras de crédito) serão as temporadas com cartazes internacionais.

* * *

A jornalista Sandra Barreto foi contratada para a equipe de produtores da Mundial.



Aidée Miranda estêve, há tempos, deixa-não-deixa o microfone. Chegou até a anunciar que se dedicaria inteiramente à televisão, mas depois mudou de idéia. Voltou ao rádio (e como voltou!) e espera, também, oportunamente, voltar ao cinema. E' uma das estrêlas do Cacique do Ar.



Antônio Leite, novelista, ensaiador e rádio-ator é um dos mais queridos artistas associados. Com a especialização da Tamoio, foi transferido para o elenco da Tupi, onde vem tendo atuações marcantes. Empresta seu concurso também à televisão, funcionando como animador de diversas audições.

Quando redigíamos esta nota, falava-se que o produtor Pascoal Longo (da Rádio Ministério da Educação) iria trabalhar no Serviço Brasileiro de importante emissora norte-americana.

* * *

Norka Smith (que havia trocado a Tupi, há alguns anos, pela Mayrink Veiga) firmou contrato com a PRG-3, onde estreou no dia 1º de abril.

* * *

Quando redigíamos estas notas, Araci de Almeida mantinha os primeiros contactos com a direção da Tupi para voltar ao Rio.

* * *

Um dos maiores cartazes da Rádio Jornal do Comércio é o animador Armando Chaves, que também atua como locutor esportivo (com muito agrado) na grande emissora recifense.

* * *

Já está em pleno funcionamento a Rádio Minas (propriedade de Ramos de Carvalho), que está sendo apontada como uma das primeiras de Belo Horizonte.

* * *

O rádio-ator Paulo Moreno (da Tupi) está feliz. Conversado pela Mundial, deu ciência do caso aos diretores da taba e, como demonstrou desejo de permanecer onde se encontrava, recebeu um aumento à guisa de prêmio.

* * *

«Parada dos esportes» (de segunda a sábado, às 20,05), «Esportes ao Meio Dia» (diàriamente, às 12,00) e «Últimas dos esportes» (de segunda a sábado, às 22,30) são três dos mais ouvidos programas da Rádio Tamoio, que já se pode considerar plenamente vitoriosa como emissora especializada em esportes e informativos.

* * *

Antes de seguir para a Europa, Luís Gonzaga deverá realizar uma excursão de três meses pelo Interior, ganhando com isso 900 mil cruzeiros limpinhos...

* * *

Renato Consorte vem agradando nos programas humorísticos da Rádio Mayrink Veiga. É um ótimo comediante que o rádio paulistano cedeu ao carioca.

* * *

Ao que apuramos, Vítor Costa está interessado em adquirir algumas emissoras do norte do país. «Depois que acertar a escrita de suas três estações de São Paulo e da Mundial (declarou o nosso informante) o Petraglia cuidará do assunto».

* * *

O produtor J. Antônio Dávila, agora na direção de «broadcasting» da Tupi, vem tomando medidas tendentes a melhorar o nível de audiência da PRG-3. Contratou gente boa, lançou alguns programas de agrado e vem, pouco a pouco, botando o Cacique do Ar nos eixos.

* * *

A Continental, apesar de ter perdido quase tôda a sua equipe para a Rádio Tamoio (que agora é, também, esportiva e informativa), já se refêz e vem apresentando uma programação à altura do seu renome de «cem por cento informativa». Waldir Amaral tem-se saído muito bem na chefia da equipe de esportes da D-8.

CINE-RESUMO

OS TRÊS GARIMPEIROS



Produção de «Produtores Indenpentes»

com Alberto Ruschel, Milton Ribeiro, Hélio Souto, Aurora Duarte, Ricardo Campos, Caetano Gherardi, Tito L. Bacarin e a tribo dos índios Tupiais. Argumento de Teófilo de Andrade. — Fotografia de Jock Mills.

Direção de Giani Pons

Distribuição da Telefilmes do Brasil

ESTAMOS em 1868. Está em curso a guerra do Paraguai. Aventureiros procedentes de tôdas as partes do mundo se aproveitam das circunstâncias criadas com o conflito. Os mais beneficiados são os traficantes de armas. O govêrno brasileiro enfrenta grave crise, pois as munições se esgotam e os vendedores se recusam a enviar novas remessas de armamento, a menos que o pagamento seja efetuado em ouro de lei. O ouro do país está nas mãos dos garimpeiros. São êles os senhores da situação e em suas mãos, repousa a sorte do país. Missões do exército partem para pôr-se em contato com os garimpeiros. Devem elas comprar ouro e uma delas é comandada pelo tenente Alberto Prado. Quando o barco em que viaja a missão atraca na cidade onde se desenrola o drama, o velho cais e a antiga cidade estão completamente desertos. O povo está alarmado com a notícia de que os soldados vêm à fôrça apoderar-se do ouro. Em vão o tenente Alberto tenta convencê-los do contrário. Uma jovem, porém, põe à disposição de Alberto a sua charrete. O tenente se surpreende ao reconhecer Branca, filha do prefeito, sua amiga de infância. Partem ambos para o garimpo. Começa a viagem. Testemunhas mudas vêem passar a charrete em desabalada carreira. Os índios tupis também estão à espreita. A tribo está à caça de Gerônimo, cangaceiro temido na região. No acampamento dos garimpeiros, já chegaram as notícias da aproximação do tenente. No garimpo, Alberto, para provar a sua boa fé, aceita um dramático duelo contra o mais forte dos garimpeiros, a chicote contra facão. O valor do militar convence os garimpeiros, que lhe entregam o ouro. Há 3 garimpeiros que ficam ao lado de Alberto, inclusive o português. Nesse interim, Gerônimo invade o garimpo, quando o tenente toma a decisão de voltar pelo rio, para salvar o ouro. Gerônimo, após destruir o garimpo, sai ao seu encalço. O barco fica quase destruído, ameaçando soçobrar. O tenente, em último recurso, desembarca o ouro, apesar dos bandidos que vêm pelas

(Continua na pág. 42)









FALANDO DE CINEMA

Escreve MANOEL JORGE

Luiz Vieira, gerente da Rádio Jornal do Comércio — há mais de 18 anos que milita na crônica cinematográfica, onde iniciou como redator da página especializada do «Jornal do Comércio». Foi inclusive publicista de cinema, aqui no Recife. Há anos atrás, fundou com vários amigos o Cinema Siri, depois, Museu Cinema, para divulgação e estudo das obras cinematográficas levadas a efeito por amadores, aqui em Pernambuco, no tempo do cinema mudo. O espaço infelizmente de que dispõe nesta entrevista não lhe proporciona o ensejo de falar com mais vagar sôbre o que foi o Museu Cinema, mas pode adiantar que foi uma das coisas mais originais e sérias que já se fêz, no Brasil, em matéria de cinema. Todos os filmes pernambucanos antigos foram, com a morte de Pedro Salgado entregues ao Departamento de Documentação e cultura da P. do Recife, onde se encontram guardados, para estudo e conhecimento das gerações futuras. Atualmente, embora como gerente do R.J.C., milita na imprensa, e dirige o programa «Cinelândia», com o seu amigo e companheiro José de Souza Alencar.

PERGUNTAS DE «A CENA»

— Sua opinião sôbre o cinema brasileiro?

— O cinema brasileiro, continua atravessando as suas crises financeiras, sendo lamentável, por todos os motivos o fechamento da Vera Cruz, que encerrou suas atividades com um filme do porte de «Floradas da Serra». O maior problema do cinema nacional, a meu ver, ainda é o mercado exibidor, porque já temos clima propício ao desenvolvimento da nossa indústria, do ponto de vista artístico. E cinema não se faz, aqui e em nenhuma parte do mundo sòmente com a prata de casa, mas, principalmente com profissionais competentes importados. E já temos bons cineastas estrangeiros, capazes de nos ajudar e ensinar a fazer cinema, no Brasil. Já escrevi muito sôbre o cinema brasileiro e dêle já me desiludi várias vêzes, no tocante às suas possibilidades. Hoje, vejo o problema do filme nacional sòmente pelo prisma do mercado exibidor. Acho que os nossos filmes não têm praça comercial suficiente para vencer os pesados encargos financeiros da produção, porque o nosso campo está dividido em circuitos exibidores que muito prejudicam as rendas das nossas películas. Com dinheiro certo e garantido, é possível fazer tudo, inclusive cinema, que tem sido nos últimos tempos, aqui como lá fora, mais indústria do que arte. E indústria não se faz sòmente com idealismo, mas com uma base sólida, no campo financeiro, porque cinema assim passa a ser e é, hoje, um negócio como outro qualquer, que exige gastos tremendos. Sem garantir um mercado exibidor, com uma distribuição garantida e eficiente, ficaremos ainda muito tempo nessa agonia, fazendo filmes e parando, como a Vera Cruz, sem meios de garantir a subsistência dessas atividades tão importantes e representativas da vida de um povo, porque o cinema é tão transcendental como arte ou indústria, como expressão social e cultural. Tôdas as medidas de proteção oficial, que não visarem êsse objetivo — garantia de mercado exibidor para o filme nacional — serão inoperantes e sem qualquer expressão prática. O problema do cinema brasileiro, queiram ou não é mercado, é renda certa e garantida para os nossos filmes e isso depende dos exibidores. Olhar para êsse ponto é dar objetividade ao problema.

— Quem levará a melhor: o cinema americano ou o italiano?

— Na minha opinião, ninguém levará nunca a melhor sôbre o cinema americano, cuja máquina é das mais poderosas e bem montadas e faz filmes comerciais, no mais universal sentido que a arte das imagens pode permitir. Notamos uma preferência acentuada pelo cinema italiano, mas isto se explica, diante das razões sentimentais que o nosso povo encerra. O americano vem restringindo a sua produção, numa escala impressionante, enquanto que os italianos a aumentam consideràvelmente, cada ano, talvez com o objetivo de dominar os mercados. Mas, o trunfo ainda está com o cinema ianque, que dispõe de todos os caminhos e domina todos os mercados, pelo menos o brasileiro, e não há perigo do italiano lhe passar a perna, nem agora nem nunca. Pode atrapalhar uma coisinha, mas isso pouco afeta aos negócios dos magnatas da Sétima Arte «made in Hollywood». Comercialmente, esta a minha opinião. Olhando pelo lado qualidade, ambos têm boas chances, sendo que o americano, quando quer, sabe trabalhar melhor, porque está melhor aparelhado para isso. Em ambas as cinematografias, tanto a americana quanto a italiana, há bons e maus filmes. Sempre temos, porém, uma tendência, uma predileção, ou mesmo uma simpatia. Eu confesso que essa fraqueza, de minha parte, beneficia o cinema italiano, porque sinto que já cansei com a vida «côr de rosa» do filme norte-americano, sempre convencional. Êste, o maior defeito das produções saídas de Hollywood — convencionalismo.

— Quais os melhores filmes a que já assistiu, até hoje?

— É sempre uma pergunta perigosa e difícil de responder, mesmo porque a gente nunca se lembra de tudo quanto viu. Entretanto, para atender ao questionário e à sua curiosidade, citarei, sem prejuízo de outras obras importantes que já vi e que igualmente me impressionaram, aquêle fabuloso, «Punhos de campeão», que eu considero o filme tècnicamente mais perfeito a que já tive a oportunidade de assistir. Outro filme importante, na história da Sétima Arte, sem dúvida, foi «Cidadão Kane», pelo seu sentido novo e revolucionário, querendo construir novos caminhos para o cinema. Citarei de passagem outros, como «O Homem Que Vendeu a Alma», «Argélia», «Epopéia do Jazz», entre muitos outros, para não falar dos mais recentes e para sair dos clássicos, que é um capítulo à parte até mesmo da nossa opinião, quando nos perguntam quais os filmes que guardamos maiores recordações.

— Quais os Diretores de sua preferência?

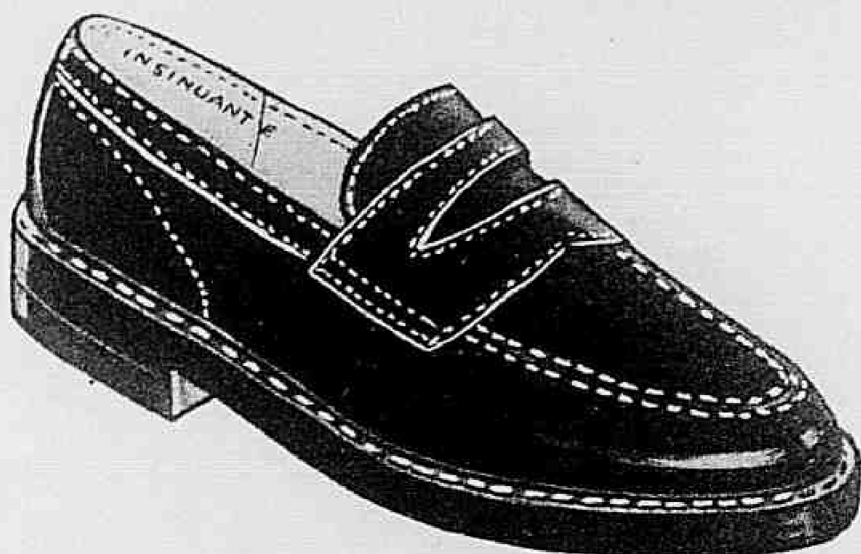
— Não tenho preferências por diretores. Há os bons e maus. E às vêzes os bons são maus. Aprecio apenas os bons diretores, que nos dão trabalhos honestos e limpos. E os bons diretores são muitos e êles dependem das obras que nos apresentam. Já se foi o tempo em que podíamos confiar num bom diretor. Antigamente, eu me guiava pelos seus nomes, mas, hoje não me aventuro mais a tanto. Bons diretores, notáveis mesmo, nos têm decepcionado constantemente, nos dias atuais. Parece que êles não são donos mais do seu estilo, da sua capacidade, da sua inteligência. Parece que quem manda, agora, são os produtores. Não seria, então, o caso de perguntar quais os produtores da nossa preferência, ou quais os produtores em quem confiamos agora? O cartaz de bom diretor é coisa do passado. Temos visto novatos dando lição de cinema e temos visto medalhões fracassando, com filmezinhos de terceira classe. Portanto, não confio mais nos diretores. Quero ver primeiro os seus trabalhos e depois concluir da sua correção artística, do seu respeito ao público, da sua independência, à frente da fita que lhe confiaram. É o melhor meio da gente não se decepcionar mais. Prefiro os bons diretores, aquêles que sabem fazer cinema honesto e digno que se possa ver, cinema sem cortejar o grande público classe C. Aquêles diretores saem ilesos de uma película e mantêm a dignidade do seu cargo e pode bater nos peitos e dizer: sou um diretor. Excuso-me, assim, de falar de nomes, para não me comprometer perante os que me ouvem e perante mim mesmo.



LUÍS VIEIRA: entende muito de cinema.

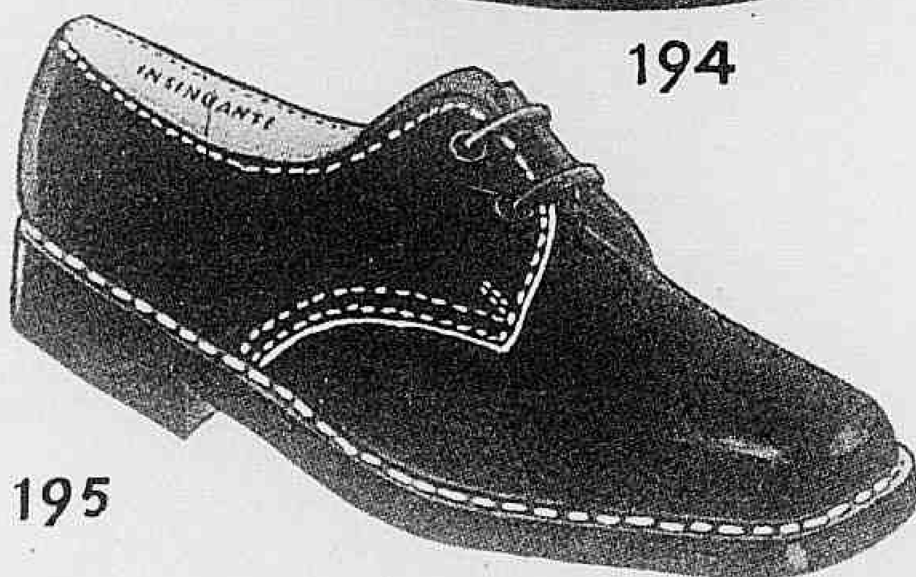
Mande os seus filhos á ESCOLA!





O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.





192 Cr$ 150,00 — Sapato esportivo, de vaqueta preta, saltos de borracha, cem por cento colegial. Um sapato para a aluna ou para a professôra.

193 Cr$ 175,00 e Cr$ 195,00. Respectivamente de 28 a 32 e de 33 a 39. Sapato esportivo — colegial, adotado nas principais escolas do país. Ótima vaqueta preta, saltos de borracha.

194 Cr$ 200,00. Número de 28 a 37. Grande sapato para meninos e rapazes em vaqueta preta sola dupla.

195 Cr$ 135,00 — Cr$ 150,00 — e Cr$ 195,00. Respectivamente de 23 a 27 — 28 a 32 — 33 a 40. Sapato Normalista, artigo de primeiríssima.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. S'EMOG

Richard Burton

O excelente ator inglês Richard Burton que tanto sucesso fêz no CinemaScope da Fox, «O Manto Sagrado» tem futuro garantido em Hollywood. Richard Burton também atuou satisfatòriamente em «Ratos do Deserto», no papel de um oficial que desafiava o fabuloso Rommell. O jovem astro vem colecionando êxitos, o que é muito bom!





O internacional Arturo de Córdova faz o seu segundo filme no Brasil. «Leonora dos Sete Mares». Ei-lo numa cena com Sara Nobre.

O CINEMA BRASILEIRO É FEITO COM SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS ★ DIZ ARTÚRO DE CÓRDOVA, ASTRO DE "LEONORA DOS SETE MARES"

— «Eu não conhecia o movimento artístico brasileiro e fiquei deveras surpreendido com a quantidade de bons atores que vocês têm aqui, de atores espontâneos à espera de boas oportunidades». — foi o que primeiro disse Arturo de Córdova, astro de «Mão Sangrenta» e «Leonora Dos Sete Mares», à nossa reportagem.

— É fabuloso o número de verdadeiros intérpretes que encontrei no Rio e em São Paulo e, francamente, estranho que sejam tão pouco aproveitados. Foi um prazer extraordinário, para mim, trabalhar ao lado de personalidades tão marcantes como a de Tônia Carrero, Heloisa Helena e Lisette Barros. Tônia, uma mulher belíssima e expressiva como poucas, destacar-se-ia no cinema de qualquer país de língua espanhola, por exemplo. Do mundo, mesmo. Vi-a no teatro em «Segredos de Estado» e não hesito em considerá-la uma das mais inteligentes atrizes com quem já contracenei em minha carreira cinematográfica. Quero destacar, também, o trabalho de colegas como Sadi Cabral, Louzadinha (Oswaldo Louzada), Carlos Cotrim, Jáckson de Sousa e

LEONORA DOS SETE MARES





Um bom elenco foi reunido para fazer de «Leonora dos Sete Mares» uma grande película brasileira. Dois artistas novos fazem parte dêle: Adriano Reis e Anilza Leoni. Êle começou nos filmes da Atlântida e ela como «vedette» do Night and Day.

Modesto de Souza é um ator de grandes recursos dramáticos. O diretor Carlos Hugo Christensen tinha vontade de aproveitá-lo em «Mãos Sangrentas», mas só pôde fazê-lo em «Leonora Dos Sete Mares». É bom o papel do velho e excelente ator brasileiro.

Manoel Pera, que deram um rendimento excelente a «Mãos Sangrentas». E os comparsas, que são, indiscutìvelmente, os melhores com quem já trabalhei até hoje!»

De Córdova, palestrando conôsco no escritório do produtor Roberto Acácio, sócio seu e do diretor Carlos Hugo Christensen na realização do novo filme da Artistas Associados, faz uma pausa, e, serenamente conclui o seu julgamento:

— Nunca vi gente com tamanho senso de responsabilidade e tanto espírito de cooperação como os extras do cinema brasileiro. Afirmo, pela minha experiência pessoal, que não existem iguais em qualquer outro cinema do mundo!»

Essas palavras do popular ator destroem, de vez, a lenda do anti-cinematografismo do brasileiro, da sua preguiça crônica, de sua inabilidade para a indústria de filmes. O grande ator mexicano veio ao Brasil desempenhar o principal papel de «Mãos Sangrentas» e acabou prolongando sua estada aqui. Assinou um novo contrato com Roberto Acácio e já está diante das câmeras mais uma vez dirigido por Christensen, rodando «Leonora dos Sete Mares», o filme brasileiro de elenco mais importante até hoje reunido.

De Córdova é natural de Mérida, província do Yucatan, México; fêz teatro e foi locutor desportivo antes de se iniciar no cinema, o que ocorreu em 1934, precisamente há vinte anos. Desde então tem dividido suas atividades entre os estúdios de filmes e os estúdios de rádio.

Casado e pai de quatro bem crescidos jovens, Arturo já fêz, até hoje, cêrca de 60 filmes, tendo estrelado produções mexicanas, argentinas e norte-americanas. Algumas de suas obras mais famosas em todo o mundo foram «Celos», «Crepúsculo», «O Conde de Monte Cristo», «Reféns», «Por Quem os Sinos Dobram», «Gaivota Negra», «Chispa de Fogo», «New Orleans», «Deus Lhe Pague», «Passaporte Para o Rio», «Um Estranho na Escada», «La Balandra Isabel Llegó Esta Tarde», e «Él» — a última dirigida por Luís Buñuel. Recentemente vimo-lo interpretando o médico aldeão de «O Manto de Soledade».

Cena perigosa e onde quase o realismo da vida superava o da ficção sucedeu na filmagem de «Leonora Dos Sete Mares», a nova produção de Roberto Acácio para Artistas Associados. O caso é que o argumento exigia que fôsse feita uma tomada de Arturo de Córdova no alto do Corcovado, debruçado na amurada. Os técnicos colocaram a câmera por fora, num barranco à beira do abismo. Ia a filmagem em meio quando alguém notou que o cano onde estava amarrada a corda de sustentação da câmera cedia ràpidamente, pondo em perigo a vida dos cinco rapazes da equipe fotográfica que executavam a tomada. Mais ràpidamente ainda foi providenciada a remoção da equipe, juntamente com a pesada Super Parvo para local mais seguro, onde a cena pôde ser feita. Mas, por segundos ficou sèriamente ameaçada de se despencar no precipício o capital mais precioso de «Leonora Dos Sete Mares»: os homens que a realizam. Felizmente a tragédia foi evitada. E De Córdova, que tudo observava sem nada poder fazer, emudecido, passou um mau bocado, talvez o pior de sua vida...



Arturo de Córdova numa cena forte de «Leonora Dos Sete Mares», extraído de uma história original de Pedro Bloch. O filme de Roberto Acácio tem bons momentos.





Nejla Ates e o famoso Diretor Ted Tezlaff (Ato de Violência) conversam nos estúdios da RKO Rádio.

NEJLA ATES

LINDA E PRECIOSA

Por GONZALO DE PALACIO

DANÇA DESDE OS 13 ANOS A JOVEM "ESTRELINHA" QUE FOI DESCOBERTA EM PARIS ★ RECUSOU SER A FAVORITA DE UM SULTÃO, MAS NÃO TROCARIA SUA CARREIRA PELO HOMEM AMADO ★ PRETENDE CORRER MUNDO

PEQUENA, miúda, com olhos amendoados, claros e risonhos, o rosto de anjo — rosto de ingênua — o cabelo castanho, a pele como trigo maduro, as linhas do seu corpo — incluíndo as curvas bem desenhadas — Nejla Ates — pronuncie-se «atesh» — é uma preciosa turca, nascida fazem 22 anos em Estambul, que firmemente está consolidando sua carreira artística nos Estados Unidos.

«Que carreira?» — perguntarão a si mesmo aquêles que a viram em «Besame, Catalina», onde desempenhou um papel de escassas proporções. Um papel de bailarina — ela dança desde os 13 anos — informamos nós. Uma esquisita intérprete da «dança do ventre», que, como vocês sabem, é primordial no Oriente, desde o serralho menos acreditado, até o mais luxuoso dos clubes noturnos. Nejla Ates — «ates» significa «fogo», em turco, e a moça põe verdadeiro calor em suas danças — é uma eleita para o Eden onde jovens como ela alegram a vida do Profeta e seus seguidores.

Nejla acaba de assinar um importante contrato com o Latin Quartier, de Nova York, e está ensaiando para atuar em «Fanny», uma revista musical com Ezio Pinza que será lançada em plena Broadway. Como no momento em que a encontramos nos estúdios da RKO, o barulho era intenso, retiramo-nos para um pátio também armado ali para uma filmagem, porém longe da balbúrdia. Contemplamos a moça curiosamente. Ela afirma haver completado 22 anos. Temos a impressão de que ainda possui dezessete.

— Você fala francês? Porque eu não falo muito bem o inglês! — nos confessa Nejla depois dos primeiros instantes de contacto.

— Magnífico! — respondemos — Como eu também falo mal o inglês, nos entendemos às mil maravilhas.

Olha para nós, assombrada.

— Não se assombre. Continuemos. Havia artistas em sua família? Seu pai, por exemplo? — perguntamos.

— Oh, não! Meu pai era professor.

— De dança?

Ela sorri.

— Era professor de várias matérias.

— Como foi contratada para dançar nos Estados Unidos?

— Bem... o senhor Lou Walters me viu no «Lido», de Paris, e assinou comigo um contrato. Estreei no «Latin Quartier», de Miami, depois estive em Las Vegas e antes de vir para Nova York filmei em Hollywood; primeiro em «Besame, Catalina» e depois tive um papel de maior importância em «O Filho de Sinbad», nos estúdios da RKO Rádio. Ali conheci e fiz boa camaradagem com Vincent Prince, Sally Forrest, e Dale Robertson, que figuram no filme... Principalmente com Vincent...

— Qual sua opinião sôbre Hollywood?

— Achei-a maravilhosa!

— Gostaria de viver aqui para sempre?

— Sempre, não, porém boa parte do tempo. Gostei da cidade e do meu trabalho em «O Filho de Sinbad». Porém quero correr mundo, atuando em outros «night-clubs».

(Cont. na pág. 42)



Gonzalo de Palacio faz sua entrevista com Nejla Ates. Conseguiu dela uma série de grandes revelações!

DISCOS ★ DISCOS ★ DISCOS ★

RAMALHO NETO

VOLTA AO SUAVE

Mais uma vez o carnaval passou, e com êle o barulho das cuícas, tamborins e outros instrumentos que entram no ritual de Momo. Agora tudo é novamente calma, um convite para ouvir coisas românticas, suavemente alegres. Até que se aproxime outra vez a época de carnaval, muitos sambas-canções, boleros e blues surgirão, entre o grande número de gravações que certamente as fábricas lançarão durante todo o ano. A música é suave outra vez.

* * *

Conforme prometi, a seção está diferente. Coisas novas como «Flagrantes», com fotografias inéditas e especiais para esta página, e uma reportagem, que sempre estará presente, focalizando assuntos interessantes, ligados ao disco, a música. E, caso vocês estejam com vontade de cantar, teremos também algumas letras, quem sabe, as que vocês procuravam. (RN).

BELDADES DO DISCO

ESTA é Vera Lúcia, a nova «Rainha do Rádio», que agora, certamente, terá melhores oportunidades no disco, com sua voz bonitinha.

ESTAS SÃO BOAS

78 R.P.M.

ESCUTA — Angela Maria (Copacabana)
SMILE — Nat «King» Cole (Capitol)
STRANGER IN PARASIDE — Tony Bennett (Columbia)
SAMBA RUBRO-NEGRO — Roberto Silva (Copacabana)
EN NOSOSTROS — Lucho Gatica (Odeon)
IN THE CHAPEL IN THE MOONLIGHT — Nelson Riddle (Capitol)
APRIL IN PARIS — Doris Day (Columbia)
THE HIGH AND THE MIGHTY — Harry James (Columbia)
HOLD MY HAND — Moacir Silva (Copacabana)
PRAÇA MAUÁ — Dolores Duran (Copacabana)
INDISCRETION — Jo Stafford (Columbia)
I JUST LOVE YOU — Vic Damone — (Mercury)
AND THIS IS MY BELOVED — Sammy Davis Jr.
CONTIGO EN LA DISTANCIA — Waldir Calmon (Copacabana)

LP

CARNAVAL DO RIO — Marchas antigas (Copacabana)
SINFONIA RIO DE JANEIRO — Artistas Diversos (Continental)
SWING EASY — Frank Sinatra (Capitol)

JAZZ

Deixou há muito de ser música de um só país. É linguagem universal de velhos e moços, que, além de escutá-lo, estudam, compreendem o Jazz como algo que não um simples gênero musical. Para êsses, aqui está um poema de Fermim Quintilla, escrito como recordação do 20º aniversário do «Black Bottom Stomp» de Jell-Roll Morton, o grande pianista de New Orleans, que diz mais ou menos isto:

«Quero falar de jazz, palavra sem definição certa em nenhuma enciclopédia. Quero falar sôbre o estilo New Orleans, cheio de equilíbrio e inspiração; quero falar da simplicidade emocionante dos blues, e escrevo um nome: Jell-Roll Morton.

Na quietude da noite, sem os vôos dos pássaros, tudo é solidão e silêncio, tudo quando surge o milagre, espalhando horizontes de esperança, do vibrante e enternecedor Black Bottom Stomp. Söa, söa uma vez mais o velho e nostálgico «piston» de Geprge Mitchell, o trombone impetuoso e rude de Kid Ory e a pujante vivacidade do clarinete de Omer Simeon. Söa, söa o tam-tam, chuva compassada da selva. E há uma sensação de sangue que se inflama, e um arrebatamento de júbilo que suaviza os desejos torturados e esperançosos.

CANTE, VOCÊ TAMBÉM

SINCERIDAD

Bolero de Gonzalo Perez — Gravação de Lucho Gatica — Disco Odeon

Ven a mi vida
Con amor.
Que no pienso
Nunca en nadie
Más que en ti
Yo te lo juro
Por mi honor
Por mi honor
Te adoraré.

Como me falta
Tu querer'
Se un instante
Separado
Estoy de ti
Ven, te lo ruego
Por favor,
Esperandote estoy.

Solo una vez
Praticamos tu y yo
Y enamorados
Quedamos.
Nunca creimos
Amarmos al fin
Con tanta sinceridad.

No tardes mucho
Por favor
Que la vida
Es minutos, nada más
Y la esperanza
De los dos
Es la sinceridad.

I HAD TO KISS YOU

De Nicholas Brodzky e Les Robin. Do filme da MGM «Meu Amor Brasileiro». Gravação de Carlos Ramirez (MGM).

I took one look at you
And I knew
I had to kiss you.
It seems a little matter
Yet I had to see it thru'
In a mood of romance
I took a chance.
Altho' I didn't know
What you would do
And here you are again
And again I have to kiss you
And now look at me
And I can see
You want me too.

RECUSA

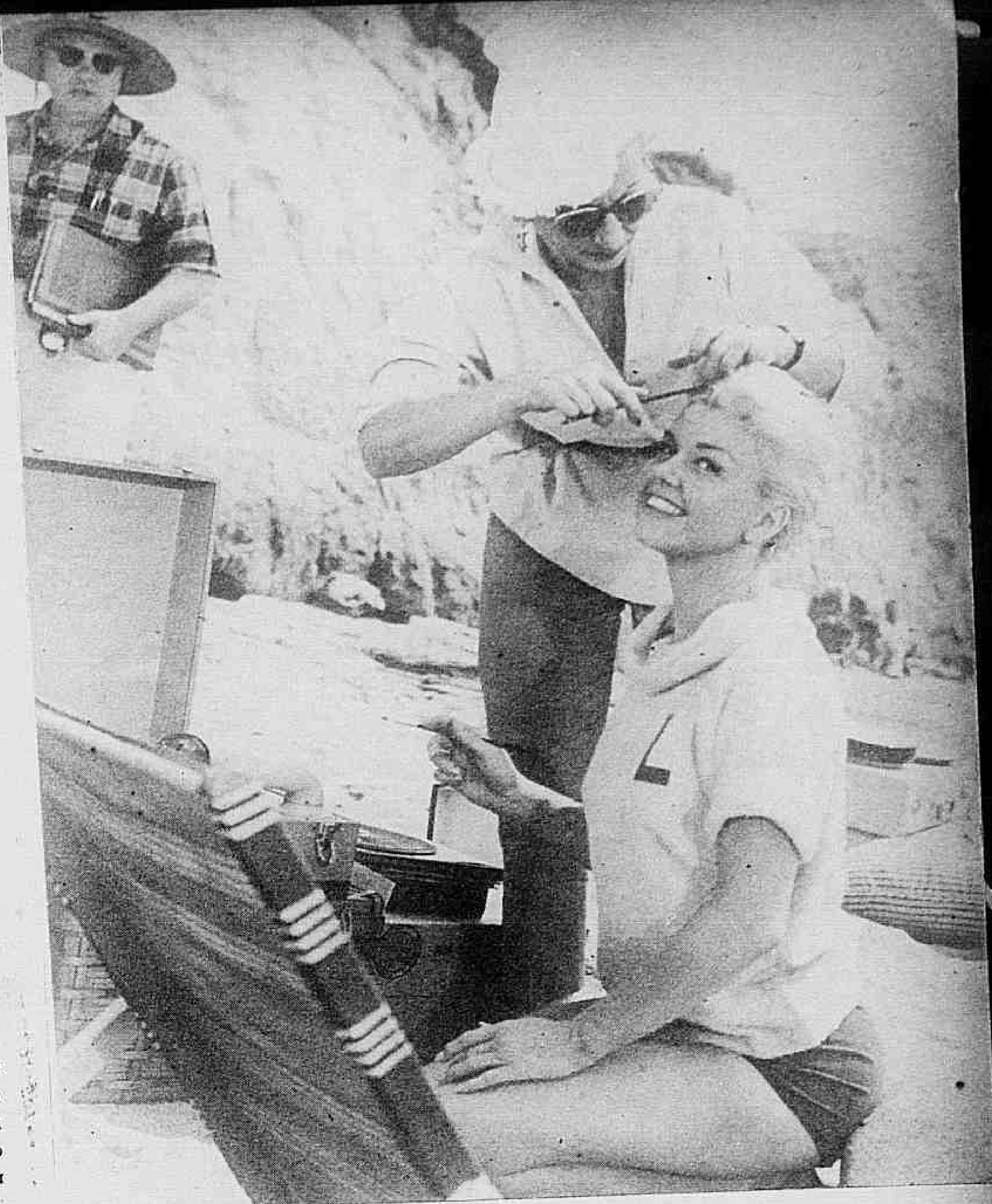
Bolero de Herivelto Martins — Gravação de Angela Maria — Disco Copacabana

Esta dor que deixaste em minh' [alma com tanta indiferença
Eu não posso afastá-la sequer um [momento de mim
Quanto mais me desprezas mais [quero sentir tua presença
Não consigo esquecer-te
Meu Deus! Por que sofrer assim?
Sem motivo nenhum tu recusas [um amor tão sincero
Sem motivo nenhum abandonas a [felicidade
Minha vida é uma vida de mágoa, [de dor e descrença
E eu sofro ao sentir na recusa [tamanha indiferença.

FLAGRANTES DO DISCO



O band-lleader Ray Anthony encontrava-se no night-club «Ciro's» de Hollywood quando Debbie Reynolds e Peggy King o beijaram, ao saber que Ray havia sido contratado, com sua banda, para filmar.

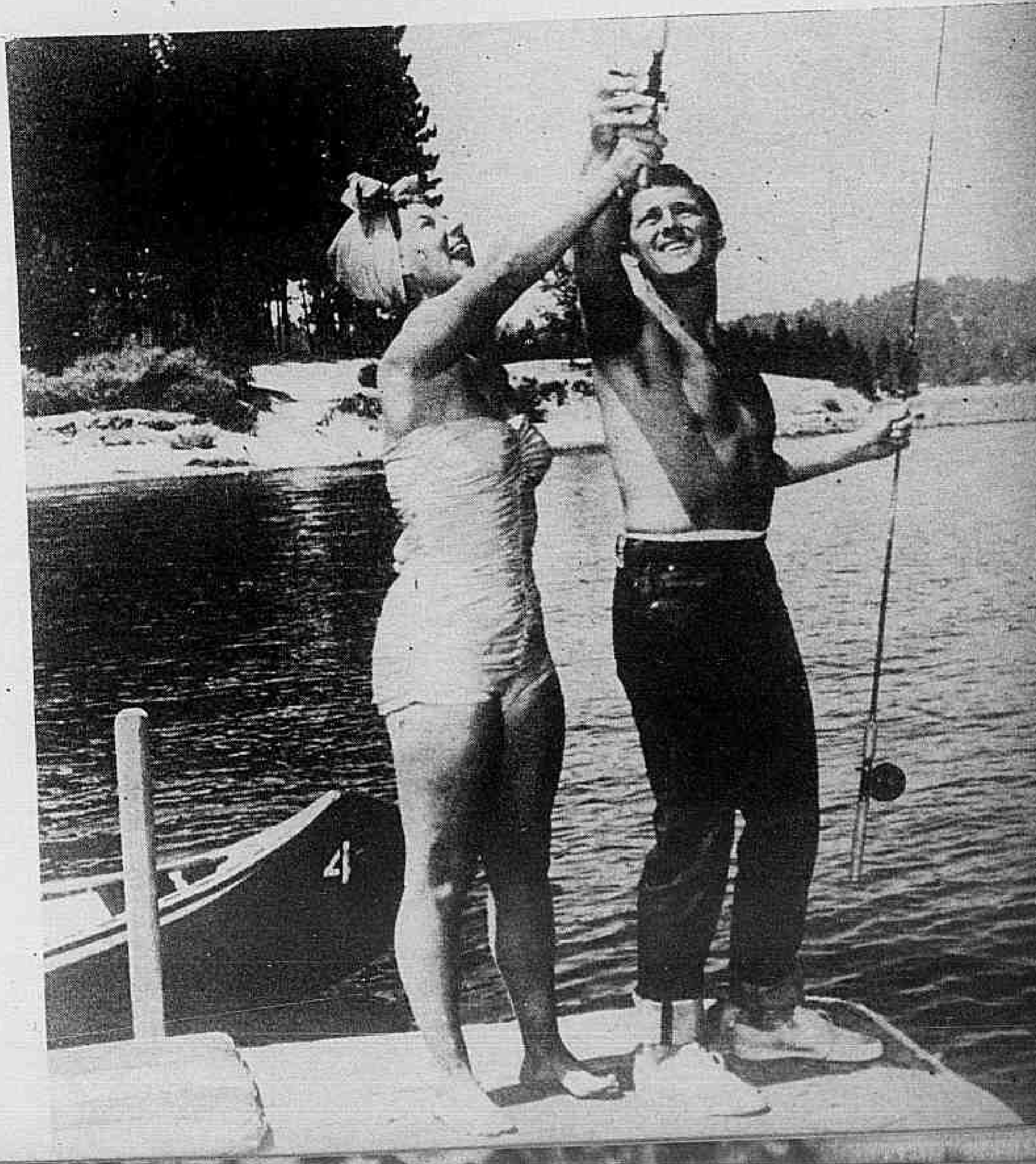


Esta é Doris Day sendo cuidadosamente preparada para uma cena do filme «Young at Heart», na praia famosa de Malibu. Sinatra é o companheiro de Doris nessa película da Warner.

DIZEM POR AÍ...

DOROTHY ARNOLD, ex-Sra. Joe Di Maggio foi contratada para cantar numa das nossas buates. Loura, bonita, canta bem, muito melhor que Marilyn em voz e perdendo ligeiramente em plástica ★ É QUASE certo que a Copacabana venha a representar uma das maiores marcas americanas. Ainda não posso contar ★ LÚCIO ALVES em negociações com a Copacabana ★ A SINTER até o final dêste ano perderá a representação da Capitol, que passará a ser da Odeon ★ BOLA SETE, guitarrista que ficou famoso tocando na buate «Beguin» do Rio, estreou no disco, gravando para a Continental ★ JACQUES KLEIN recebeu do govêrno inglês uma medalha de prata ★ CAUBY PEIXOTO vai mesmo filmar nos «States», conforme noticiamos há tempos em primeira mão ★ ALGUMAS fábricas nacionais, aumentaram o preço do disco comum para 40 cruzeiros ★ A SINTER anuncia para abril próximo o lançamento dos discos «Cetra» ★ AGREDIDO e gravemente ferido o fabuloso Jackson do Pandeiro ★ DIVERSOS artistas brasileiros, obtêm presentemente grande sucesso em buates; quando chegará a vez de Lúcio Alves ser lembrado pelos donos da noite? ★ NORA NEY está muito sentida com o produtor radiofônico Armando Louzada, acusando-o de não ter cumprido a promessa de fazê-la «Rainha do Rádio» ★ ANGELA MARIA, a melhor de 54, tem agora em Carmem Miranda uma de suas grandes amigas ★ ORLANDO SOARES FILHO, bom amigo e ótimo publicista, será certamente o novo Chefe de Divulgação do grupo Odeon ★ A COPACABANA, que já possuia o melhor estúdio de gravação da América de cá, acaba de construir o seu estúdio B, magnífico também ★ FRANK SINATRA, o melhor de sempre, é visto constantemente em companhia da jovem milionária Glória Vanderbilt, recentemente divorciada do maestro Stokowsky. Frank é novamente um ídolo.

Os poucos momentos que Gordon MacRae consegue de descanço, é dedicado a pesca, seu esporte favorito. Aqui êle é visto em companhia de sua espôsa, Sheila, preparando-se para fisgar os peixes dêsse lago próximo a Los Angeles.





Johnny Ray, num dos intervalos da filmagem de «There's no business like show business», da Fox, conversa com o compositor Irving Berlin sôbre uma das músicas que compõe o «score» musical desta produção.

Após longa ausência dos estúdios, Jeanne Crain voltará a ter contacto com seus «fãs» no filme da Warner Bros. «Duelo na Selva».

Jeanne Crain

JEANNE CRAIN, aquela que começou interpretando papéis de «ingênua» nas comédias da Fox, está de volta após longo período afastada dos estúdios por imposição de sua vida privada. É que Jeanne tinha que cuidar dos meninos e só agora pôde retomar sua carreira de «estrêla» e o fêz nos estúdios da Warner interpretando um dos papéis principais de «Duelo na Selva», cujos astros são Dana Andrews e o ator inglês David Farrar. Jeanne teve ùltimamente certas complicações com o marido, Ted Briskin e é provável que sua vida sentimental venha a sofrer mudanças brevemente.

NÃO há perigo que Esther Williams repita a dose em todos os seus filmes. O muito que pode acontecer é o "fã" assistir à película duas vêzes. Com prazer renovado.

Ninguém concordaria em assistir Esther Williams fora de seu elemento: isto é, a água. Todos desejam vê-la sempre nos maiôs que ela própria desenha, exibindo o estilo que a tornou a absoluta entre as "estrêlas" aquáticas do cinema.

Seu mais recente filme na Metro (A Filha de Júpiter) é outro "show" de Esther numa piscina especial e executando números novos, sim, porque a preocupação da "estrêla" é renovar-se.

Apesar de ser uma artista essencialmente "de maiô", Esther Williams é muito elegante em trajes como o da foto que ilustra a nota. Ela é mesmo uma das "estrêlas" mais elegantes de Hollywood, além de ser uma "rainha" nos estúdios da Metro.

Sua Glória está destinada a crescer na proporção do tempo. Reparem que isto vem acontecendo!

Esther Williams executa números novos como danatriz, em «Filha de Júpiter». Os anos não pesam na sua arte e na sua beleza. Esther conquistou a glória de ser uma Rainha em Hollywood e reinará por anos e anos pela vontade dos fãs!

ESTHER WILLIAMS

SE ELA DEIXASSE DE

NADAR NOS FILMES, OS

FÃS PROTESTARIAM

E EXIGIRIAM SUA

VOLTA ÀS PISCINAS!

E GANHARIAM!



PIER ANGELI DESABAFANDO PARA "A CENA":

JÁ SOU ADULTA



EU creio. Não há maior alegria para uma jovem em Hollywood que tornar-se adulta. Não é sem sacrifício que as adolescentes enfrentam o período do "Não pode fazer isso", "Não deve fazer aquilo", "Não fica bem para uma "estrêla". Eu passei por êsse período e agora posso revelar a vocês que não o fiz sem grande esfôrço. Tive que me dominar e controlar meus impulsos para não tomar uma atitude menos recomendável. Ser "menor", como artista, não é uma situação invejável, embora muita gente possa pensar o contrário. Estou certa que pensam mesmo...

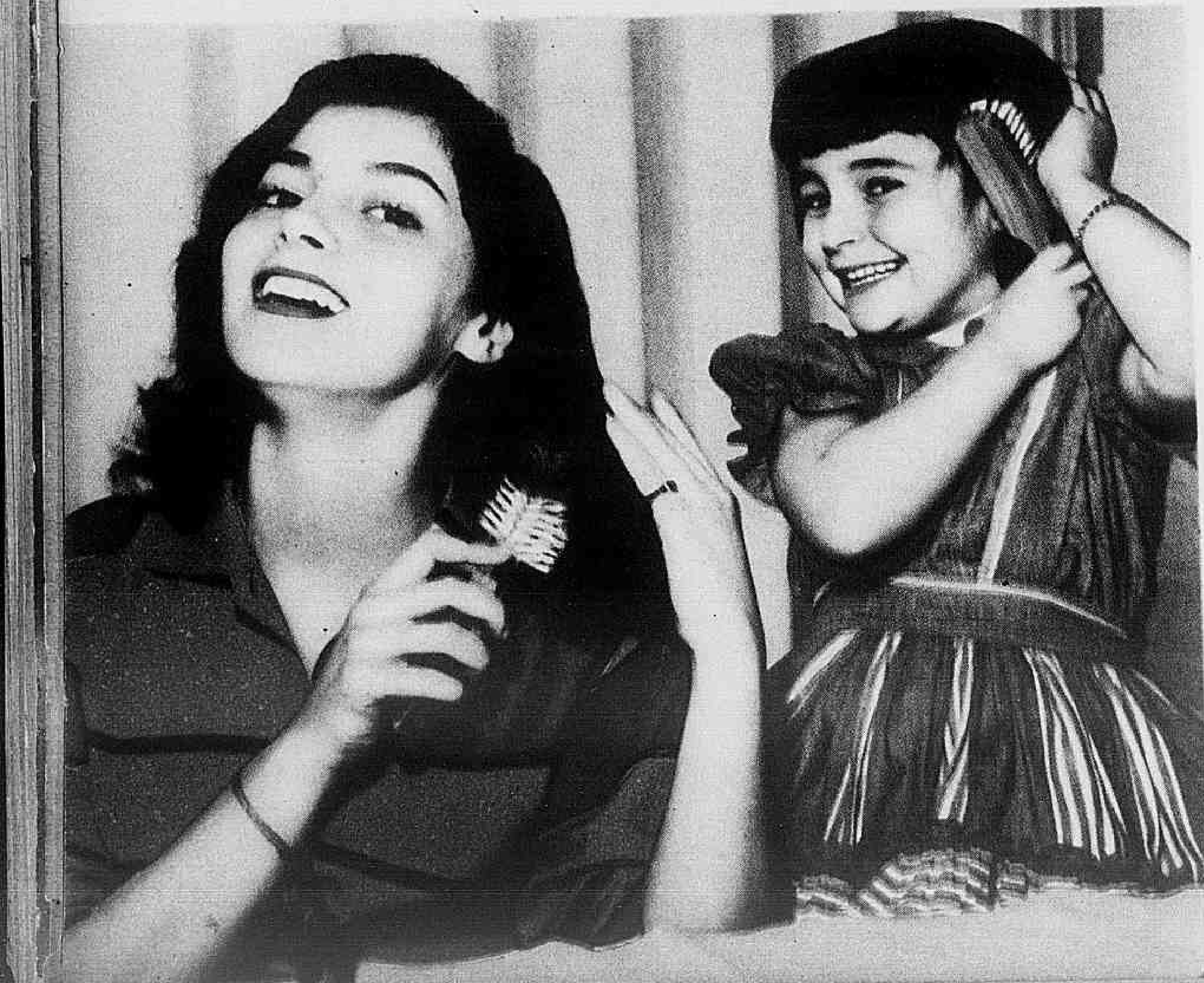
Agora, já sou adulta e posso traçar meus próprios planos e naturalmente não esqueço a opinião de mamãe. Ela tem me ensinado tanta coisa útil. Tem me defendido em muitas situações "perigosas" nas quais eu não saberia que atitude tomar.

Recordo-me que de certa feita eu protestei contra a situação que me obrigava a pensar pela cabeça alheia. Foi quando mamãe, que considero uma irmã mais velha, disse-me carinhosamente:

— Chegará o tempo em que você pensará por si mesma. Agora, no entanto, convém ouvir os bons conselhos...

Ela estava certa. Porque acabei aprendendo a guiar-me sòzinha e a tomar atitudes sem consultar o parente ou amigo mais próximo. O estúdio também já não se impõe tanto como antigamente. Sei o que quero, como artista e o que é mais importante: sei como consegui-lo.

Sinto-me perfeitamente à vontade na minha situação de adulta. E vou recuperar o tempo perdido, fazendo tantas coisas antes sonhadas, porém, de certo modo, proibidas para mim. E' ou não é a felicidade completa?



Pier Angeli nos estúdios da Metro em companhia da menor irmã, Patricia.
A garotinha vai imitando a «mana» e quem sabe se breve não estará nos filmes? Pier e Marisa começaram assim...



PIER ANGELI É DEVERAS ENCANTADORA! SORRISO DE MENINA NUMA MULHER FEITA QUE GANHOU O DIREITO DE PENSAR E AGIR SEM A INTERFERÊNCIA DE TERCEIROS! ELA ESTÁ CONTENTÍSSIMA!



BURT LANCASTER

FORAM as inúmeras «fãs» de Burt Lancaster que pediram (por carta) à «A CENA» que publicasse uma pose do «galã» nas páginas em tecnicolor. Como deixar de atender ao pedido dos leitores simpáticos e como deixar de incluir nas páginas multicoloridas um «astro» tão brilhante como Burt Lancaster? Aqui está o homem com a sua conhecida expressão e sem o sorriso que é o grande «quê» de sua personalidade. Mas, retrato à sério, também vale... (Foto Columbia).

Ela possui um rostinho encantador e muita vontade de vencer em Hollywood. Tudo nos faz crer na sua vitória que acontecerá breve, vocês verão!

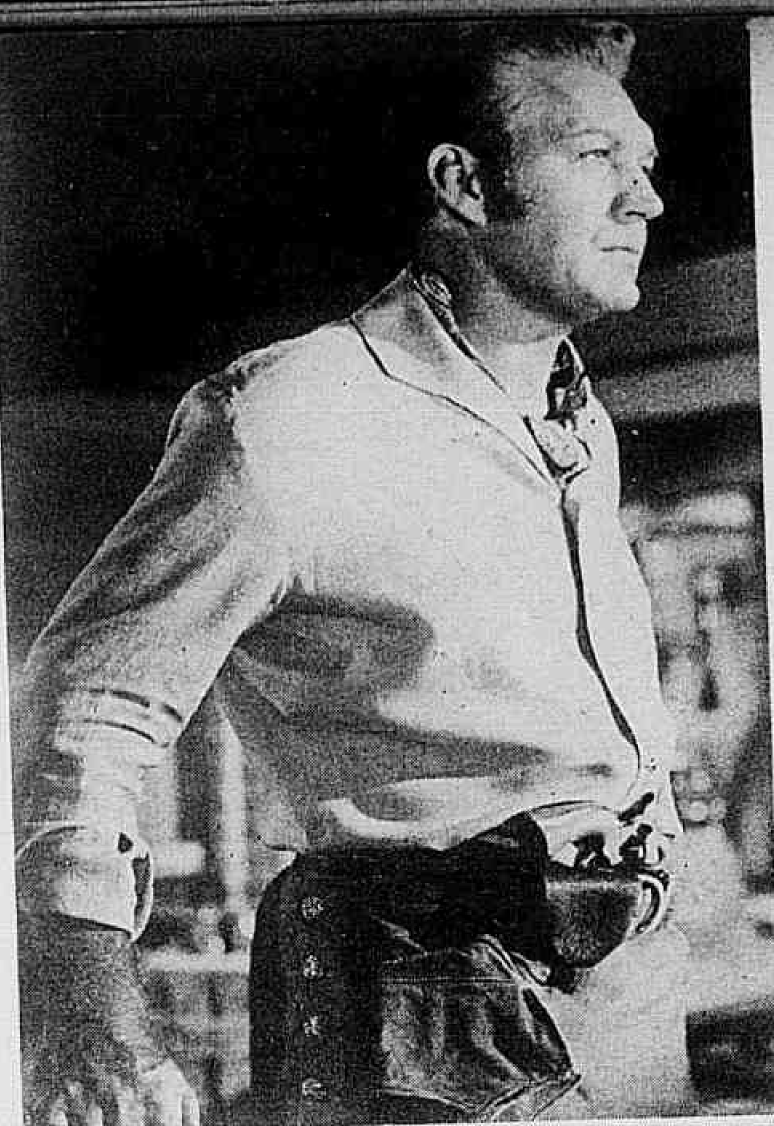
Vera Miles



ARTISTA INTELIGENTE, GRACIOSA, COMEÇOU NUM PAPEL DE ÍNDIA, MAS VAI MUITO LONGE!

A simpatia de Vera Miles conduziu-a ao sucesso em Hollywood. Depois de interpretar o papel de uma índia (e que índia bonita!) em «Investida de Bárbaros», foi escolhida pela RKO Rádio para o papel de companheira do novo Tarzan, Gordon Scott, em «Tarzan e os Selvagens». É o primeiro degrau que a jovem «estrêla» pisa à caminho da Glória!





Foi o porte atlético de Forrest Tucker que chamou a atenção do produtor Samuel Goldwyn que fêz contratá-lo para seus filmes. O físico de Forrest também fêz sucesso quando êle jogava futebol e basquetebol, chegando a ser um campeão nesses esportes. Agora quer ser apenas um artista.

DE JOGADOR A ARTISTA

A personalidade cinematográfica de Forrest Tucker possui essa dose necessária de amabilidade e rudeza que faz com que as fãs suspirem. Embora sendo um dos galãs mais novos da tela — pois, apesar de ter iniciado a sua carreira antes da guerra, foi logo obrigado a abandoná-la para servir o exército — êle já é um cartaz firmado na Capital do Cinema, e a sua popularidade entre as fãs do mundo inteiro aumenta de dia para dia.

DADOS PESSOAIS

Forrest Tucker, cujo nome verdadeiro é êsse mesmo, nasceu na cidade de Plainfield, em Indiana, num dia 12 de fevereiro, sendo, portanto, cidadão norte-americano. É louro, de olhos azuis, e possui vigorosa compleição atlética, medindo 1,82 m de altura e pesando 78 quilos; é orfão de pai, pois êste faleceu quando êle era ainda menino, vítima de ferimentos recebidos na Primeira Guerra Mundial. Por isso, Forrest começou a viajar muito cedo, tendo, mesmo, percorrido quase que os Estados Unidos de ponta a ponta.

EXÍMIO JOGADOR

Durante os anos que frequentou o curso secundário, Forrest demonstrou grande aptidão para os esportes, participando dos campeonatos de futebol e basquetebol universitários e como capitão da equipe de tênis do seu colégio. Além disso, êle é exímio jogador de gôlfe, esporte que até hoje é de sua predileção e que o fêz conquistar, em 1947, o título de «Campeão de Gôlfe da Tela», no «Torneio de Gôlfe do Cinema», instituído pelo diretor Frank Borzage.

UMA FIGURA QUE DESPERTA A ATENÇÃO

Em 1939, Forrest Tucker foi a Hollywood em gôzo de férias, e a sua figura atlética e varonil despertou a atenção de Samuel Goldwyn, que o contratou para interpretar (Cont. na pág. 42)



Forrest Tucker é um dos atores que mais trabalham nos estúdios da Republic. Eí-lo numa cena forte do filme «Os Bravos Não se Rendem». Em papéis violentos êle não perde para ninguém!



Em «O Jardim do Pecado», Widmark fêz o papel de um bom sujeito, jogador inveterado. Em «A Lança Partida» é a ovelha negra de uma família. Mas já não usa o «risinho histérico» que o tornou famoso.



Richard Widmark

Começou fazendo papel de «gangster» e como tal alcançou muito sucesso em «O Beijo da Morte», principalmente pelo «riso» de bandido paranóico. Depois o tempo correu e resolveram experimentá-lo no gênero «western». Isso aconteceu em dois CinemaScope da Fox, «O Jardim do Pecado» e «A Lança Partida». Richard Widmark aprovou cem por cento. E vai continuar vestindo roupa de «cow-boy»

BEN COOPER

O MAIS JOVEM "MOCINHO" DO CINEMA

DEPOIS DE SER ASTRO FAMOSO NO TEATRO E TELEVISÃO, BEN COOPER ALCANÇA O ESTRELATO EM HOLLYWOOD ★ PREFERIDO PARA OS PAPÉIS DE "COW-BOY" É UM DÊLES NA VIDA REAL ★ TEM MUITA SORTE O "GARÔTO"!

Ben Cooper já era famoso pelas suas atuações nos palcos da Broadway (3 anos interpretando um papel em «Life with Father) e nos espetáculos de televisão (onde atua desde 1947) quando uma foto sua foi vista pelo produtor John Auer. Ben foi contratado para «Grito de Sangue» e nãa mais saiu dos estúdios, atuando depois em «Tropel dos Vingadores» e «Johnny Guitar», neste com Joan Crawford. É acima de tudo um artista conscencioso que sabe dar valor à sua carreira!



BEN COOPER, o mais jovem «mocinho» **do ecran,** não pensava, há dois anos atrás em fazer carreira no cinema, quando foi chamado à Hollywood. Êle tinha então, um ótimo contrato nos palcos da Broadway e na televisão.

É que nessa ocasião, como o produtor John H. Auer estivesse tendo dificuldades nos estúdios da Republic em encontrar um intérprete adequado para viver um dos papéis de «Grito de Sangue», resolveu dar uma olhadela nos arquivos dos demais estúdios e, num dêles, encontrou uma fotografia tomada em New York, que mostrava, ao fundo, um rapazola cheio de expressão e personalidade, o tipo exato que êle buscava para êsse papel. Auer mandou buscar imediatamente o rapaz, que não era outro senão Ben Cooper, e pouco tempo depois o transformava em um ídolo cinematográfico dos filmes do gênero «western».

DADOS PESSOAIS

Ben Cooper nasceu na cidade de Hartford, em Connecticut, no dia 30 de setembro de 1934. Recebeu a sua instrução primária na escola católica St. Luke, a secundária na «Lodge High School» e fêz o seu curso superior na Universidade de Columbia.

HOMEM DE SORTE

Contando apenas vinte anos de idade, Cooper parece trazer consigo um talismã de boa sorte desde o início de suas experiências profissionais. Aos oito anos de idade ouviu dizer que certos produtores da Broadway estavam à procura de um garôto para interpretar o papel de «Harlan» na peça teatral «Life with Father». Apresentou-se ao «Empire Theatre» por mera curiosidade e lá perguntaram-lhe se êle seria capaz de decorar uma página do **script** na semana seguinte. Ao se apresentar novamente, Cooper havia decorado tôda a peça e, por isso, ganhou o papel.

Apesar de ser ainda muito jovem, Ben Cooper já apareceu em mais de três mil **shows** radiofônicos e tem sido uma figura proeminente na televisão desde 1947.

A sua experiência na ribalta inclui três anos na peça «Life with Father» e um papel de grande destaque em «Theatre». Cooper é um ávido leitor, exímio cavaleiro e ótimo nadador, sendo mesmo os seus esportes prediletos montar a cavalo e nadar. Possui há seis anos um cavalo chamado «Gypsy» e é nêle que costumamos ver Ben Cooper montado nos papéis de «mocinho» que desempenha na tela. Seus próximos filmes são «O Tropel Dos Vingadores», ao lado de John Derek e Joan Evans e «Johnny Guitar», com Joan Crawford e Sterling Hayden, ambos da Republic.





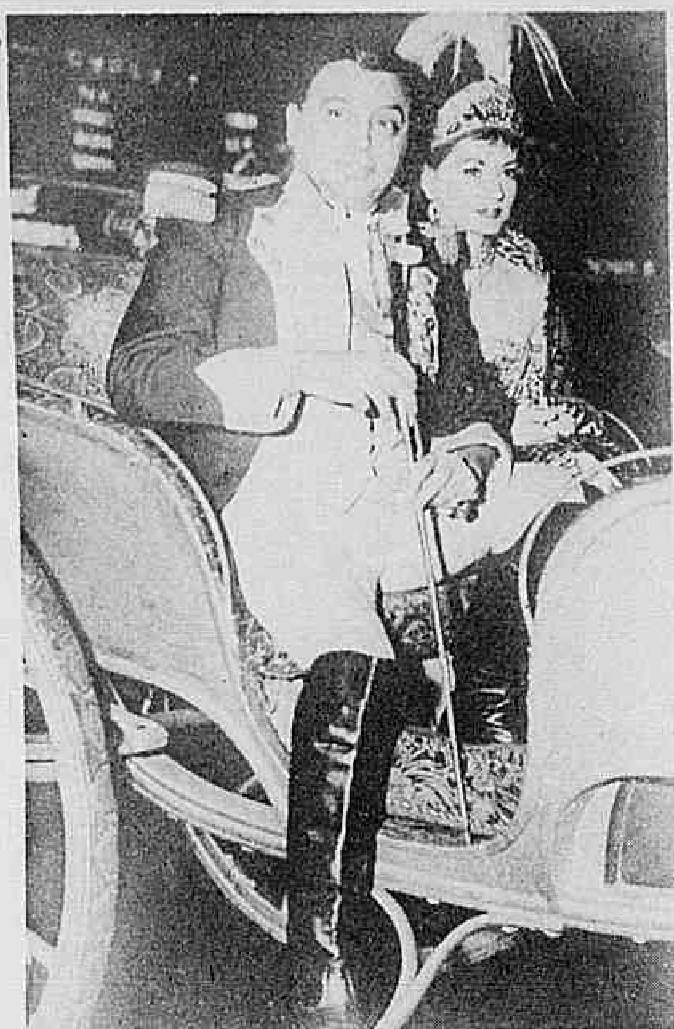
O velho Maufrais veio da França na esperança de encontrar o filho desaparecido. O filme conta a sua odisséia através da Amazônia misteriosa.

TRAGADO PELA AMAZÔNIA

"TRAGADO PELA AMAZONIA" (No Rastro de Maufrais), é um drama do cinema brasileiro produzido por Genil Vasconcelos e Rodrigo Sorrentino, sob a direção do primeiro e calcado num roteiro de Francisco Meireles, Genil Vasconcelos, Edgar Maufrais e Lincoln de Souza, filmado nos lugares autênticos da grande aventura, isto é, a mil e quinhentos quilômetros da civilização, nos dominios dos Xavantes. O filme revela ainda passagens sobrehumanas e emocionantes do "diário" de Maufrais. Sua grande aventura seria realizada com a travessia da serra Tumuque-Humaque, proeza jamais tentada por outro homem branco. Começou sua penetração sòzinho, partindo da Guiana Francesa em 1949, e teve seu desaparecimento registrado em 1950. Em seguida seu pai, o velho Edgar Maufrais, se abala da França, e vem em procura do filho, pois êsse velho de sessenta anos ainda hoje, depois de três expedições terem dado Maufrais, como morto, não acredita que seu filho tenha perecido; acredita sim, que tenha sido feito prisioneiro de indios desconhecidos. Sôbre êsse drama é que versa o filme "Tragado pela Amazônia", que será apresentado pela Art Films.



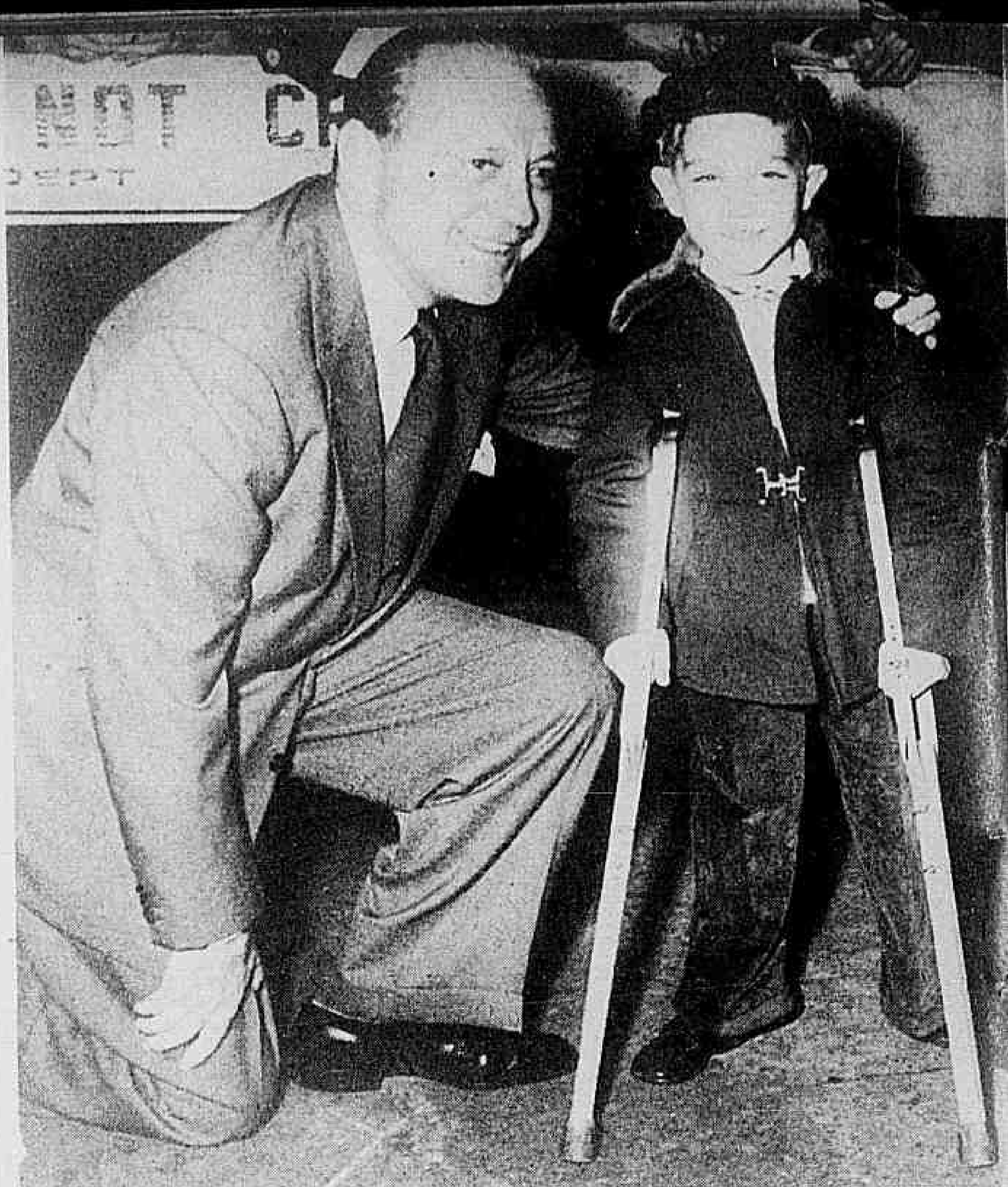
«Tragado pela Amazônia» reserva para os fãs cenas jamais filmadas. Um documentário valioso!



O detalhe de emoção foi dado no momento em que o cômico e humorista Jack Benny recebia o menino Joey Redman, que levou em cheque a renda total da grande noitada, no importe de milhares de dólares, que iria reverter em benefício do combate à paralisia infantil.

Ao chegar em sua carruagem napoleônica e em trajes característicos, Mr. John e sua exótica espôsa, centralizaram as atenções de meio mundo! Um grande sucesso daquela noite em Nova York!

Illona Massey foi outro motivo de surprêsa, pois há muito tempo não comparecia nos «potins» sociais e os comentaristas locais não perderam tempo: fizeram logo mil suposições, anotando tudo no caderninho...





A FOX ESTRÉIA "DESIRÈE, O AMOR DE NAPOLEÃO" NUMA NOITE POR TODOS OS MOTIVOS GLORIOSA!

A vida novaiorquina atinge nesse momento o seu «climax» no alto mundo das noites de gala. Seja no Metropolitan Opera House, onde Merian Anderson se apresenta depois de uma gloriosa carreira como recitalista pelos diferentes continentes ou nos diversos espetáculos de comédia, drama ou revista, os milhões de habitantes da moderna Babel encontram onde se divertirem e, ao mesmo tempo, glorificar com seus aplausos os melhores espetáculos da temporada.

Assim aconteceu na noite de 17 de novembro, p.p., quando foi apresentado ao «smart set» americano o já famoso filme «Desirée, O Amor de Napoleão», baseado numa novela de Annemarie Selinko, interpretado por Marlon Brándo, Jean Simmons, Merle Oberon, Michael Rennie e Comeron Mitchel, seguidos de um portentoso elenco sob a direção de Henry Koster, em CinemaScope e Technicolor DeLuxe.

O grande salão de espera do «Roxy», de Nova Iorque, se encontrou lotado por personalidades das altas rodas, da aristocracia, das artes e do alto mundo da indústria cinematográfica, o que causou um autêntico desfile de elegância, tanto feminina, como por parte dos homens. Os vários salões daquele cinema se encontravam decorados no estilo Diretório, assim como os «lanterninhas» que se encontravam vestidos de estilo idêntico e anunciavam os convidados com bastonadas sonoras. «Mr. John», (nome que se tornou uma garantïa na alta costura de Nova Iorque), é um aristocrata polonês domiciliado nesta cidade e que na noite de «Desirée» chegou numa autêntica carruagem da era napoleônica e com sua espôsa em trajes da época. Merle Oberon, acompanhada do Príncipe Christian, da Dinamarca, deu outro «show» exibindo autênticas jóias da Imperatriz Josefina, que ela interpreta no filme com raro realismo.

A multidão foi contida por uma escolta da Polícia de Nova Iorque pois milhares de fãs desejavam ver e aplaudir todo um inesperado espetáculo de arte e beleza e, também, um dos mais significativos sucessos do ano, «Desirée, O Amor de Napoleão», uma obra da 20th. Century Fox.

NEW YORK ESTREMECEU DE ENTUSIASMO E APLAUDIU UM GRANDE FILME!









Rita Moreno, a «estrêla» do momento na Fox apareceu de saia curta e tudo — Hugh O'Brien estava muito bem acompanhado. Mas não disse o nome dela... — Um aspecto do cinema Roxy local da famosa noitada novaiorquina — Merle Oberon e seu príncipe. A moda pegou depois que Rita a lançou...

Jinx Falkenburg e Linda Christian: belíssimas!

Debra Paget compareceu num modêlo Schiaparelli.

Sheila Graham quis ouvir a opinião de Sheree North.







ALBERTO SIMOENS BELLO

FILMES EM REVISTA

AOS LEITORES DE «FILMES EM REVISTAS»

Venho, mais uma vez, agradecer as muitas cartas recebidas durante a minha humilde colaboração em «Cena Muda», nestas páginas onde procurei sempre ser sincero e simples em minhas expressões. Imparcial, ainda que muitas vêzes discordando da opinião de um ou outro fã, mas que se pode fazer? Não há um só gôsto para as coisas e, principalmente para cinema e artistas. Agora, com uma nova direção nesta revista, esta página será entregue a outro cronista e, assim, despeço-me agradecido pelo apoio chegado através das muitas cartas recebidas com gratidão de quem se assina,

ALBERTO SIMOENS BELLO.

«DESEJO HUMANO»

(Human Desire) — Columbia.

Prova evidente de que o cinema bom não pode ser copiado. Tomaram um belo tema de Zola, «A Bêsta Humana» e o transplantaram para o ambiente americano, mas não souberam conservar o caráter universal da tragédia humana e o resultado, como se pode ver, foi um filme sem realidade. Fritz Lang não tem estilo para isso e só alguém com a capacidade de Jean Renoir, responsável pela primeira versão, poderia fazer algo de interessante. Como está não passa de um tema vagamente parecido com a obra do genial novelista francês com poucos momentos de alguns toques direcionais. Um só elemento está dentro do personagem: Glória Grahame, pois que nem Glenn Ford ou o expressivo Broderick Crawford foram bem aproveitados. Uma boa partitura musical de Daniele Amphiteatroff se dilue no filme. — Cotação: Regular.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ....

NOME..........................

RUA.................... Nº.....

CIDADE........................

ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

★

«OS MISTÉRIOS DE MARROCOS»

(Flight To Tanger) — Paramount

O páreo para o pior filme do ano está duro e quando a gente pensa que o pior já foi visto, aparece uma coisa como esta e, então, ficamos com raiva de têrmos perdido duas horas vendo uma película assim, onde Joan Fontaine parece estar até com raiva dela mesma, onde Jack Palance fica mansinho e indiferente e, onde, finalmente, Corine Calvet mostra que nada tem a fazer no cinema, de vez que nem sabe tirar a sua roupa para ficar nua... Marcel Dalio chefia um bando de gente ridícula e Charles Marquis Warren pode voltar à um utilíssimo aprendizado de cinema. Cotação: Fraco.

★

«O ROMANCE DE MINHA VIDA»

(Susan Slept Here) — R. K. O.

A primeira e grande chance de Debbie Reynolds, que faz dessa comédia o seu primeiro sucesso, fazendo-nos lembrar papéis semelhantes para suas próximas fitas, sem cair numa repetição. O filme tem tudo para agradar e boas atuações de Dick Powell, Glenda Farrell e Ann Francis, surgindo, numa «ponta», Rita Johnson. Frank Tashlin deu um ritmo vivaz. Agrada e diverte. E que mais se pode desejar de um filme musical sem as pretensões das grandes montagens, nem sempre expressivas? — Cotação: Bom.

★

«SUBLIME OBESESSÃO»

(Magnificent Obcession) - Universal-International

Quando fui ver êste filme levava comigo uma lembrança do velho filme de Stahl e as performances de Irene Dunne e Robert Taylor e, talvez, uma saudade dos dias colegiais... Evidentemente Jane Wyman é uma boa atriz, mas uma atriz de composição, faltando-lhe aquela intuição criadora. Ela pertence aos papéis de efeito emocional à flor da pele e isto é o que notamos em sua atual interpretação. Não estamos diminuindo-lhe a grandeza, não! Jane cativa o público e faz com que seja aceita esta nova versão desta novela de Lloyd C. Douglas. Rock Hudson mostra-se sensível e procura fazer algo de bom. Os demais do elenco, discretos, tanto Barbara Rush como Agnes Morehead e todo o resto do «cast». A Direção coube a culpa de não ter feito um grande filme, pois como está não passa de um espetáculo apenas bem realisado e com a marca indelével da rádio-novela. Essencialmente um filme feminino. — Cotação: Bom.

★

«FRINÉIA, CORTESA DO ORIENTE»

(Frine, Cortigiana d'Oriente) — Art-Filmes.

Para filme de época falta autenticidade e mais ritmo. A curiosidade do filme gira em tôrno de Elena Kleuss, Miss Grécia, uma pátria que tem dado belas mulheres ao cinema e boas atrizes, bastando lembrar Katina Paxinou (como atriz) e Irene Papas (como beleza) para irmos ver esta película. Muito mais, entretanto, empolga Tamara Lees no segundo papel feminino do que Elena Kleuss, discreta artista. Temos a impressão de que o papel estaria melhor nas mãos de Tamara... Pierre Cressoy, John Kitzmiler, Roldano Lupi e outros ficam dispersados nesse filme inexpressivo. — Cotação: Fraco.

★

«A BOMBA RELÓGIO»

(Terror on a Train) — M.G.M.

Ted Tetzlaff que já nos deu um filme aceitável e bem realizado, (The Window), cujo título nos escapa no momento, aborda o gênero do «suspense» e não consegue realizar o que ficou apenas na intenção. Não fôsse a boa fotografia e a inteligente montagem «A Bomba Relógio» seria uma autêntica «bomba» cinematográfica... Glenn Ford leva para si o melhor do filme e Anne Vernon, atriz de bons filmes franceses, nada acrescenta, enquanto que os demais agem com naturalidade, tais como Maurice Denham, Harcourt Williams e outros. — Cotação: Aceitável.

Loção XAMBÚ

DÁ BELEZA E VIGOR AOS CABELOS

CONTRA A CASPA E CABELOS BRANCOS

EXITO GARANTIDO

FILMES EM REVISTA

ALBERTO SIMOENS BELLO

«A LABAREDA»

(La Fiammata) — Art-Filmes

Uma chamazinha muito fraca, esta «Labareda» onde nem sentimos o fogo de uma Eleonora Rossi Drago, boa atriz perdida no meio de uma «mis-en-cène» pomposa e com cortinas esvoaçantes. Mais parece um curso de cenografia ou decoração que um filme de Blassetti. Amedeo Nazzari prova que não é mau ator, mas nada mais faz. Elisa Cegani, como sempre, correta. Delia Scala é um momento de juventude e frescor diante de tanta coisa com aspecto de museu. Roldano Lupi discreto. — Cotação: Fraco.

★

«A DAMA DE PRÊTO»

(Park Row) — UCB

Modesto filme que está bem realizado por Samuel Fuller, que escreveu, cenarizou, dirigiu e produziu «A Dama de Prêto», que nos dá um retrato de um jornal em luta com idealismos e com toques de filme de época, aliás, bem marcada. O elenco conta com o discreto Gene Evans e a exótica Mary Welch, seguidos por um elenco de artistas sensíveis. — Cotação: Aceitável.

★

«O PRÍNCIPE ESTUDANTE»

(The Student Prince) — MGM.

Uma opereta famosa que é apresentada com tôdas as características dum gênero que devia ser apresentado com um tom de renovação, algo que nos desse um filme mais leve e mais cinematográfico. Richard Thorpe que tem feito bons filmes dramáticos está, também, deslocado e não deve mais insistir no gênero musical. Ann Blyth, cada vez menos convicente e menos sensível, canta razoavelmente. Edmund Purdom, ator shakespeariano, fica totalmente inibido, apenas se mostra «bonitão» e coquista o setor feminino. Quando «canta» com a voz do temperamental e gordo Mario Lanza, o público ri e se divide em prós e contras, mais contras que prós... Os demais, apalhaçados. Betta St. John só aparece numa cena. — Cotação: Fraco.

★

«AS TRÊS PERFEITAS CASADAS»

(Las Tres Perfectas Casadas) — Pelmex

Faltou mais imaginação dos adaptadores da obra de Casona para dar a êste filme um ritmo mais cinematográfico e contornar o que de teatral havia para, assim, resultar um espetáculo cinematográfico. Como está, não passa de um filme eminentemente teatral, enfim, teatro filmado. Sente-se o primeiro, o segundo e o terceiro ato. Laura Hidalgo e Arturo de Cordova encabeçam o elenco e nos dão boas atuações, embora o tipo de Arturo de Cordova seja apresentado com um fraseado vulgar e com «pinta» de Pittigrili de segunda ordem. Roberto Gavaldon, diretor de certo e firme pulso, fracassa. Deu-nos um filme pousado e posado. Miroslava, levada por um gesto trágico para as sombras da Morte, aparece numa boa atuação e na cena da confissão vive o melhor momento do filme. Consuelo Frank é a terceira e a mais apagada das casadas. José Maria Linares Rivas, nome quase alexandrino, fica deslocado e quase naufraga na cena com a filha. Situação piegas. Os demais fazem triste figura. Pena que o argumento tenha sido mal levado e mal dialogado. — Cotação: Fraco.

★

«DESEJOS PROIBIDOS»

(Madame D...) — R. K. O. Rádio

Uma alta e fina comédia, que alguma coisa é mais do que um filme de elite, pois que nos dá um sincero e poético filme cem por cento cinematográfico. Todo o filme é uma sessão de felizes momentos e de cenas inesquecíveis, tais como a marcação do tempo através da valsa, o primeiro encontro de De Sica com Danielle na Alfândega, depois, com a casualidade do choque das carruagens temos o segundo encontro e já ficamos desejando que nasça o romance e quando êles se encontram ficamos presos e envolvidos numa suave atmosfera de romance. Max Ophuls, um mestre no gênero frívolo, mostra-se mais penetrante e humano. Êle marca o desenrolar com uma delicadeza pouco comum, transbordante e envolvente. Danielle Darrieux, fabulosamente jovem e com um «charme» cativante, tem uma grande atuação e seus galãs, Charles Boyer e Vittorio De Sica, impecáveis em seus personagens. Feliz a idéia de unir Boyer e Danielle depois de tantos anos e desde «Mayerling»! Marcel Achard e Annette Wademant teceram belos diálogos, respeitosamente traduzidos. Expressiva fotografia de Christian Matras e fina reconstituição do «fin de siècle» vienense. Bela partitura de Oscar Strauss e Van Paris completam o belo trabalho da equipe de Ophuls. «Desejos Proibidos», (mau título), é um grande e belo filme! — Cotação: Muito Bom.

★

«A LANÇA PARTIDA»

(The Broken Lance) — Fox.

No desfile de todos os cinemascopes já vistos, «A Lança Partida» ocupa um pôsto de destaque por sua qualidade e pelos bons momentos de cinema, inclusive pelas belas interpretações de Spencer Tracy, Richard Widmark, Katy Jurado e em pequenas atuações de Hugh O'Brien e Earl Holliman, principalmente êste último. Edward Dmytryk impregnou o filme com uma eloqüente linguagem e traduziu os sentimentos com boas pinceladas, ainda que deslocado de seu «habitat», pois que o argumento exigia um diretor como Joseph L. Mankiewiez, que foi o responsável pela Direção dêsse argumento sob o título de «House of Strangers» ou «Sangue de Meu Sangue». Fazemos uma referência especial para Robert Wagner, que pela primeira vez mostra que poderá fazer algo no cinema, pois aqui vive o melhor instante de sua carreira. Dmytryk, pela primeira vez em contato com a técnica do CinemaScope, sai-se com galhardia e resulta o filme numa obra apreciável. Boas cenas as que atuam com finura Tracy e Katy Jurado. Jean Peters só tem um bom instante, na cena em que prova a pimenta. Bela fotografia, em DeLuxe, de Joe McDonald. A partitura de Leigh Harline um pouco dissonante, ainda que discretiva. Assiste-se com agrado e crescente emoção. — Cotação: Bom.

★

«A INGENUA LIBERTINA»

(Minnie, L'Ingênue Libertine) — França Filmes.

A Diretora de «Olivia», Jacquiline Audry está, evidentemente, desambientada com o argumento de Colette, muito próprio para as mãos de Autant-Lara, um homem que penetra mais no íntimo dos personagens. Resultado: os personagens não convencem e ficam apenas bem dirigidos, mas sem humanidade. «Minnie» é interpretado por Danielle Delorme, que se entrega totalmente ao personagem e pouco ligando ou dando mais do que a diretora ordenava. Ela é o que de melhor há no filme. Frank Villard, o marido, preocupado sòmente com o «barbitos», está correto. Yoland Lafond e Jean Tissier, também corretos. Um pouco mais de unidade e teríamos um bom filme. — Cotação: Aceitável.

SURDOS

AURICULARES INVISÍVEIS «WEIMER» do dr. Reichmann. Sem fios, sem pilhas. Restitui a normal audição. Eliminação dos zumbidos. Última maravilha alemã. Preço de propaganda: Cr$ 900,00 o par. Peçam prosp. grátis à Elza Junqueira Sabbado — Av. Copacabana, 75 — Apto. 204 — Tel. 57-2452 — Rio.

Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453

São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja Tel.: 37-5679

O LEITOR DIZ O QUE PENSA

(Cont. da pág. 10)

REMINISCÊNCIA (I)

Os grandes filmes do passado são como as grandes obras literárias: à medida que fluem os anos, mais se destacam em confronto com as obras mais recentes, sobressaindo, quer pelo valor da direção, quer pelo ambiente melhor reconstituido, quer pelo maior cuidado na escolha dos intérpretes. A técnica progrediu assombrosamente, porém, o valor artístico, a ambientação, a faculdade de ater-se ao que o escritor produziu, a escolha dos intérpretes, etc. parece terem passado por um processo de regressão.

A época é das «Retrospectivas» e, assim, julgo oportuno lembrar algo do passado a fim de que os afeiçoados de cinema de outr'ora possam estabelecer comparações. Vejamos:

Confronte-se a primeira filmagem de «O Médico e o Monstro» («Dr. Jeckyl and Mr. Hyde»), da Paramount, aqui exibida por volta de 1921, interpretada por John Barrymore, Martha Mansfield e Dolores Cassinelli, com as três que se lhe seguiram: a da mesma Paramount, com Fredric March e Myriam Hopkins; a da M.G.M. e a inqualificável versão argentina de há um ano e pouco. Veja-se como o filme de Barrymore se ateve mais ao romance de Robert Louis Stevenson e como as metamorfoses do Dr. Jeckyl em Mr. Hyde eram efetuadas com perfeição, realmente extraordinária para a época, sem auxílio de som nem da orquestração.

«O Conde de Monte Cristo», versão francesa, em 8 capítulos ou épocas, com Léon Mathot no papel-título. A única filmagem da obra de Alexandre Dumas «in totum» e quase absolutamente fiel ao romance. Foi a mais perfeita interpretação de Edmundo Dantés até hoje. Nem John Gilbert, Jean Angelo, Robert Donat ou, recentemente, Richard Wilm se aproximaram sequer de leve de Mathot. Êsse filme apresentava também, Gérard que, salvo engano, é o mesmo ulteriormente famoso Aimé Simon Girard que nos devia dar, anos mais tarde, o mais verossímil «D'Artagnan» em «Os Três Mosqueteiros» da Pathé Consortium, Paris, jamais surgido. Filme em 12 episódios, foi, sem dúvida, a melhor transposição cinematográfica do romance de Dumas. Ambientação rigorosamente fiel transportava-nos à época de Luiz XIII (Rieffer) e de Richelieu (De Max). O diretor (Henri Diamant-Berger) fazia com que «víssemos» realmente a D'Artagnan, Athos (Henri Rollan), Porthos (Martinelli) e Aramis (De Guingand) como os devia ter imaginado Dumas. Mylady de Winter (Mme. Merele), Ana da Austria (Mme. Guitry), Buckingham (Staquet) surgiram-nos diante dos olhos com extraordinário realismo. Ainda quero relembrar Henri Baudin no papel de Rochefort. Agora desejo apontar alguns fatos notáveis dêsse filme e da sua continuação, «Vinte Anos Depois», também de Diamant-Berger, em 8 episódios, da mesma Pathé Consortium, filmado cêrca de 2 anos depois. Por razões nunca esclarecidas, neste, o papel de D'Artagnan passou a ser desempenhado por Yonhel em substituição a Simon Girard, apesar de seu assombroso êxito e de sua ascensão ao estrelato — (veja-se sua interpretação de Ivo, o Bretão, em «Os Modernos Piratas», de Henrique IV, em «O Rei Galante», de Lord Pandilha em «O Falso Lord», e na refilmagem dos «Três Mosqueteiros», já na era do cinema falado, lá por 1933). Yonhel foi um excelente D'Artagnan de 40 anos, porém, muito inferior a Simon-Girad. Há uma outra curiosidade, talvez única na história do cinema: Mlle. Pierrette Madd, que foi Constance Bonacieux nos «Três Mosqueteiros», utilisou um «travesti» em «Vinte Anos Depois», dando-nos um magnífico Visconde de Bragelonne, ágil cavaleiro e esgrimista, capaz de ofuscar qualquer artista do sexo masculino especialista no gênero, naquela época. Diamant Berger sabia bem o que fazia Paul Hubert que foi Felton no primeiro filme, no segundo, fêz de Winter, o que emprestou maior atrativo à película. Agora, um ponto interessante: em «Os Três Mosqueteiros» não foi utilizado nenhum cenário artificial, pelo menos para exteriores. Procurou-se filmar diante de Castelos, remanescentes da época, e em ruas de cidades da França verossìmilmente aceitáveis como sendo de 1626, em que se situa a ação. Creio que os próprios interiores eram autênticos, não havendo reconstituições, salvo na disposição do mobiliário, talvez todo êle do século XVII. Em «Vinte Anos Depois» já o diretor utilizou fartamente montagens, talvez pela primeira vez no cinema francês. Nas cenas de grandes movimentos de multidões, como na revolta da «fronde» contra Mazarino (Jean Carriers), vê-se perfeitamente que os prédios são de madeira, constituidos ùnicamente de fachadas. Antes de encerrar quero fazer uma leve referência a um filme feito na mesma época: «Os Três Mosqueteiros», da United Artists, dirigido por Fred Niblo, um legítimo sucesso de Douglas Fairbanks (Pae) no papel de D'Artagnan, a melhor interpretação de tôda sua longa carreira. Margueritte de La Motte foi uma excelente Rainha Ana. Jorge Siegman incarnou, com realismo, Porthos e Nigel de Brullier deu um Richelieu talvez superior a De Max, na versão francesa. Foi verdadeiro prazer para os amantes de cinema, daquele tempo, poderem comparar as duas maneiras de filmar: a francesa e a americana. Bem, basta. Os que há 32 anos já estavam em idade de ir a cinema não devem ser muitos a se interessarem ainda pela «Cena».

(Do leitor **RODOLFO SPITZER**, de São Paulo)

ONDE ESTARÃO ÊLES?

As vêzes acontece isso — um determinado artista é lançado de maneira sensacional num filme — faz a seguir um ou dois e desaparece deixando o fã a dar tratos à bola...

Lembram-se de Glória Warren? Surgiu naquele encanto de filme que foi «Sempre no meu coração», que permaneceu semanas e semanas no cartaz... e depois? Nunca mais se ouviu falar nela...

E Glória Jean? Eu era garôta quando assistia «Um pedacinho de céu» um encanto de filme também... lembro-me de Robert Stack bem mocinho quase adolescente... como Glória Warren, Glória Jean tinha uma linda voz, era apontada como a nova Deanna Durbim... fêz a seguir alguns filmes de segunda comó «O milagre da Fé», e também desapareceu misteriosamente...

Deanna Durbim foi um caso diferente... apareceu em filmes sem conta e geralmente tôda revista estampava sua fotografia — tinha um público enorme... casou e divorciou-se, teve uma filhinha, e continuou a trabalhar — depois casou de novo e deixou a tela de vez, com grande pesar dos fãs — substitiu-a Kathrynn Grayson, mas ainda hoje Deanna é lembrada com saudade — quando iniciou sua carreira contava seus quatorze anos... hoje é mãe de família, e não quer mais nada com a tela...

E Shirley Temple? Em criança foi um ídolo. Até «broches» com sua linda figurinha foram usados no Brasil. Cresceu e sua popularidade começou a diminuir — em adolescente seu filme realmente bom, e divertido foi «Ninguém vive sem amor (Kiss and tell). Deram-lhe um papel dramático em «Marcada pela Calúnia» (That Hagen Girl) que provou que ela só dava para comédias mesmo — apareceu inteiramente apagada em «O Gênio Vai a Escola (Mr. Belvedere Goes To College) mas com Clifton Webb no papel título, não é de admirar — seu casamento com John Agar foi uma experiência horrível, pois o rapaz também ator tinha ciúmes de sua grande popularidade, e a vida dos dois tornou-se um inferno. Ela casou com Charles Blake, teve mais uma garotinha (a primeira foi Linda Susan) e deixou o cinema... Stanley Clements mereceu amplos elogios quando apareceu num filme de Allan Ladd chamado «Quase Uma Traição» — seu papel do «jockey» apaixonado por Gail Russel, e metido com uma perigosa quadrilha não era fácil, mas foi desempenhado òtimamente — e depois?

E June Duprez? Ela foi a bela princesa de «O Ladrão de Bagdá» com Sabu e Conrad Veidt — apareceu em «Calcutta» com Alan Ladd, e naquele interessantíssimo, «O Vingador Invisível» com Luís Hayward — John Justin o galã de «O Ladrão de Bagdá», também obteve uma legião de fãs quando apareceu naquela película. Os dois nunca mais apareceram na tela... parece porém que Justin vai reaparecer com Gene Kelly num filme ainda inédito — e June Duprez? Onde estará ela?

Glória de Haven também anda sumida — quando aparece é em papéis bobos, como aconteceu naquele enfadonho «A sombra das palmeiras». No entanto há anos atrás Glória era atriz de renome, ainda há pouco «Duas Garôtas e Um Marujo» foi «reprisado» — ali sim, ela teve um papel de destaque, cantando e dançando — a ex-Mrs. Jonh Payne é possuidora de uma linda voz, e é pena que os produtores só a chamem para papéis cretinos, com perdão da palavra... — Martha Wickers, ex-Mrs. Mickey Rooney, começou com um papel dramático em «A Beira do Abismo» e à seguir apareceu como «estrêla» em diversos musicais da Warner. Hoje dou um doce a quem me der notícias dela.

E muitas outras estão nesse caso, Belita e Sonja Henie amba sexímias patinadoras, Bonita Granville, Janis Carter, Joan Leslie, Joan Blondell, Joan Bennett, Janis Paige, Alice Faye, Ruth Warrich, Gail Russel, Ida Lupino, George Raft, Diana Lynn, Buster Crabbe, e tantos outros... é o caso de se perguntar «Onde estarão êles?»

(Da leitora **MARIA IRENE GOMES DE MATOS** — Recife)



INALDA

Inalda, esta garôta bonita, chegou à Bahia para a «Segunda Semana do Cinema Brasileiro» depois dos outros artistas. Além de bonita Inalda é delicada, não tem pôse, nem falso estrelismo.

Aproximando-me dela, por ocasião de uma conferência na Rádio Sociedade da Bahia, fui logo perguntando-lhe, depois de pedir-lhe o autógrafo, é claro:

— Então, Inalda, já acabou seu primeiro filme «A Outra Face do Homem?

— Sim, já acabei, respondeu-me ela.

Fiz-lhe mais uma pergunta:

— Quais são seus próximos filmes?

— «Colégio de Brotos», que é um filme que reúne grande número de astros do cinema brasileiro e «Matar ou Correr», uma comédia com Oscarito e o Lewgoy.

Como vemos Inalda entrou no cinema com o pé direito: Candidatando-se o ano passado ao título de «Miss Cinelândia», conquistou êsse título e recebeu imediatamente um contrato da Atlântida, pois êsse era o prêmio oferecido à vencedora do concurso.

Inalda, além de bela, dizem ser também talentosa e antes mesmo que ela estréie, já inúmeros fãs convergem as atenções para essa menina de 19 anos, morena, belíssima e dona de uma personalidade invulgar.

Agora, Inalda, a você que lê êste meu trabalho, queria fazer uma sugestão: Use tão sòmente o nome Inalda; não deixe que coloquem Inalda de Carvalho. Assim fica muito extenso e mais difícil para o fã.

Inalda, simplesmente Inalda; além de ser mais fácil de gravar, é mais simples, mais belo, assim como você que também é simples e bela!

(Do leitor **CARLOS AQUINO** — Bahia)

RIBALTA

ALEXANDRE ALENCASTRE

A ÚLTIMA QUINZENA TEATRAL

Bibi Ferreira, muito acertadamente manteve em cartaz a "Senhorita Barba Azul", com casas cheias e muito agrado.

★

O mesmo fêz Colé, no Teatro Follies com a revuete: "Gostei demais...", passando Isa Rodrigues a estrelar o elenco, em substituição à Nélia Paula, que foi para São Paulo encabeçar a Cia. de Válter Pinto.

Celeste Aída, agora decididamente empresária. No Jardel com um «Coquetel de Estrêlas». Muito bem, Celeste!



E, já tem ensaiadinha e em vésperas de estrear a nova revista: "Gente Bem" e "Champanhota..." com a qual pretende ficar até junho, indo depois para o Teatro Recreio com uma grande companhia de revistas, de sociedade com Bibi Ferreira, que anda querendo voltar ao teatro musicado.

★

Continuando a sua temporada de sucesso o T.B.C. já está com nova peça em cena e com grande aceitação e êxito. Trata-se de um original paulista de Abílio Pereira de Almeida:

Lia Mara é um encanto de garôta. Louríssima. Talentosa. Uma plástica estonteante. Grau dez para ela!





O trio de valor que vai atuar em «O Golpe»: Oscarito, Violeta Ferraz e Mirian Teresa. Oscarito e família voltam a atuar no Glória e tudo faz crer que repitam o êxito obtido com a temporada de «Cupim».

"Paiol Velho" que é o drama de uma fazenda de café, durante a grande crise de 1929, e que já foi levado há 2 ou 3 anos em S. Paulo, onde se manteve por vários meses em cartaz. São protagonistas Cacilda Becker e Luís Linhares e o nóvel ator Fernando César, que agora, assim, ingressa no profissionalismo de maneira assás promissora.

★

Armando Couto não quis ir excursionar com César Ladeira, e, resolveu montar sua própria companhia junto com Ludi Veloso e desde o princípio do mês que estão fazendo sucesso no Teatro de Bôlso, com 2 peças em 1 ato: "Do tamanho de um defunto" e "Diálogo da mais perfeita compreensão conjugal", ambas da autoria de Vão Gogo (Millôr Fernandes).

★

Celeste Aída, depois do teste com o Teatro de Madureira, resolveu continuar como empresária e de sociedade com o sr. José Luís acaba de estrear com sucesso no Teatro Jardel, a sua nova companhia de "revuetes" com a peça: "Coquetel de Estrêlas", de autoria de Luís Felipe de Magalhães, o feliz autor do programa de rádio: "Viva a Marinha". O seu elenco é o maior do momento: Geraldo Gamboa, Evilásio Marçal, Procòpinho, Lia Mara, Zoraya, Eladir Pôrto, Carla Nell, Peggy, Almendoca (o Fininho da TV.), o novo cantor Silvio Júnior, Donaldson e como "great atration" o notável bailarino colored "Bamby", e como coreógrafo Valdemar Rodrigues.

★

Alda Garrido, voltou à Cinelândia com um novo original de Pedro Bloch: "A mulher de briga", "feito sob medida e encomenda". O elenco é quase o mesmo da "Dona Xepa", Glauce Rocha, Vicente Marchelli, Átila Iório, e para maior brilho e propriedade da representação os novos: Delorges Caminha, que é também o diretor e ensaiador da Cia., Claudiano Filho, Arnaldo Montel e Marilene.

★

Oscarito está apurando os ensaios de sua nova companhia, para estrear em 1º de abril no Teatro Glória, e repetir o mesmo sucesso de 2 anos atrás, com a comédia trágico-cômica, "O Golpe", de José Wanderley e Mário Lago, a "dupla" que é uma marca de garantia e sucesso. O elenco é a sua familia: Margot, sua espôsa, Miryan, sua filha, Afonso Stuart, seu tio, Renato Restier, seu Sobrinho, Adriano Reys, quase parente... e Violeta Ferraz, a grande caricata do nosso teatro de revista e do nosso cinema.

★

Eva Todor, aproveitou a desinteligência havida entre o empresário Carlos Brant e a sra. Henriette Morineau e contratou-a para dirigir e ensaiar a sua companhia na temporada de 1955, a iniciar-se em 1º de abril, no Teatro Serrador com o último sucesso de André Roussin: "Le mari, la femme et la mort", que na tradução feita por Raimundo de Magalhães Jr., recebeu o titulo: "Êste casal é de morte". Como novidade temos a volta de Elza Gomes, no elenco que é o seguinte: Rodolfo Arena, Jorge Dória, Manoel Pêra . Elza Gomes. Os cenários estão sendo executados pelo "croquis-original" que serviu para a montagem da peça em Paris.

★

E o empresário Luís Iglésias, num gesto mui simpático e cavalheiresco, permitiu que a sra. Morineau, diretora e ensaiadora de sua companhia, tome parte no "Teatro Suicida de Nelson Rodrigues", interpretando o dramático e trágico papel de "Madame Glessy", a mundana assassinada, na peça "Vestida de Noiva", a estrear-se em abril no Teatro Dulcina, com Dulce Rodrigues na protagonista e Natália Timberg, na "Lúcia", cabendo o principal papel masculino à Luis Lima, galã português que representará pela 1ª vez no Brasil. Outros intérpretes são Wanda Oiticica, Cirne de Araújo e Suzana Rodrigues. A direção é de Flaminio Bollini, diretor italiano que em S. Paulo atuou com segurança e sucesso no T.B.C., dirigindo e ensaiando: "Os mortos sem sepultura", de Sartre e "A Ralé", de Gork.

★

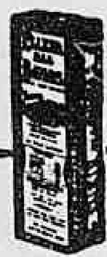
Roulien, deu o ar de sua graça, com 2 espetáculos no Hotel Quitandinha, levando com o seu excelente conjunto de artistas, com a brilhante e inteligente atriz Nely Rodrigues estrelando, o seu último sucesso cômico: "O senhor também é?!!..." Mas, Roulien, já é tempo do sr. voltar à Cinelândia!

Janete Jane é a atual Rainha das Atrizes. Com coroa e tudo. Mas ainda é brotinho a Janete...





Não sou egoista Desejo que tôdas sejam felizes como eu Por isto ensino-lhes o segrêdo de minha felicidade: tomo logo que me sinto mal 2 a 3 colheres do Elixir das Damas — fórmula que dá saúde, fazendo mulheres felizes e belas.

ELIXIR DAS
DAMAS

Indicado nas dismenorréas

OS TRES. . .

(Cont. da pág. 12)

margens. Alberto e Branca, nesse momento de desespêro, sentem-se cada vez mais unidos. O cangaceiro sai da estrada e corta caminho pelos campos. Os índios tupis, emboscados, atacam os quadrilheiros e travam com êles violenta luta. Os bandidos são exterminados, menos Gerônimo, que não desiste de perseguir Alberto. O português, no momento em que terminaram as munições, dá um salto espetacular sôbre o cavalo de Gerônimo rolando ambos para o chão. Termina a luta com a morte de ambos. A carruagem, livre dos perseguidores, segue em direção ao pôrto. As sombras da noite começam a cair. No barco, o delegado do govêrno dá ordens para levantar âncora, quando, ao longe, os marinheiros vislumbram Alberto, que logra triunfar. Branca fica sòzinha no cais, com o olhar perdido no barco que se afasta. Alberto, no convés, com um gesto, ratifica a promessa que lhe fizera. Após o fim da guerra, voltará para ela...

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

LINDA E...

(Continuação da página 19)

Contam os rumores que um potentado muçulmano quis fazê-la sua espôsa em Bagdad para que residisse com suas outras mulheres no régio harém que possuia.

Porém a jovem «estrelinha» declinou da honra porque preferia correr mundo. Êsse desejo é antigo e ela pretende satisfazê-lo. Volto a fazer perguntas.

— Estêve a ponto de casar-se alguma vez, Nejla?

Ela responde com um sorriso. Depois revela que outro príncipe muçulmano, Imur Mushar, propôs que ela fôsse sua favorita, porém prefere a monogamia. Não deseja compartilhar o coração de seu amado com nenhuma rival.

Um ator italiano, Toni Borromei, acusou-a de não cumprir uma promessa matrimonial. Disse êle que em 1950, quando Nejla encontrava-se em Roma, êle colocou no seu dedo o anel de compromisso. Ela, porém, nega qualquer acôrdo sentimental com Borromei:

— Então — perguntamos — qual a maior ambição de sua vida?

— Chegar a ser uma grande atriz dramática e uma grande dançarina.

— E se tivesse que escolher entre casar-se com o homem amado ou ficar com sua carreira?

— Escolheria minha carreira.

Com essa resposta estava encerrada a nossa entrevista com a linda e preciosa «estrelinha» da dança que agora faz sucesso em Hollywood.

DE JOGADOR A ARTISTA

(Cont. da pág. 29)

um dos principais papéis de «The Westerner», ao lado de Gary Cooper, êle permaneceu sob contrato de Goldwyn durante um curto período de tempo, tornando-se depois «free lancer» (artistas que preferem trabalhar sem contrato). Nessa categoria, trabalhou para as mais famosas produtoras de Hollywood, atuando nas seguintes produções: «Keeper of the flame», com Katherine Hepburn; «Never say good bye», com Errol Flynn, «The Gunfighter», com o excelente Randolph Scott; «Two guys from Texas», «The Yearling» e «Coroner Creek».

LONGO CONTRATO COM A REPUBLIC

Começava êle a granjear fama e sucesso quando estourou a guerra e Forrest Tucker se alistou para servir nas Fôrças Armadas de Tio Sam. Principiou como soldado raso, porém cursando a Escola de Treinamento para Oficiais, êle conseguiu atingir o pôsto de Segundo-Tenente. Após alguns anos de serviço ativo no exército, foi desligado e reassumiu a sua carreira artística assinando longo e vantajoso contrato com a Republic Pictures para fazer duas películas por ano. O seu primeiro filme sob o novo contrato foi «Os Saqueadores», com o notável soprano Ilona Massey, seguindo-se «Terra de bandidos», «Fogo do Inferno», «O Cavaleiro Negro», «Iwo Jima», «Fúria dos Peles-Vermelhas», «Califórnia, terra da cobiça», «Massacre», «Hora da Decisão», «Regresso do Inferno» e «Império de malvados».

PASSATEMPOS PREDILETOS

Quando não está filmando, tem por hábito jogar gôlfe, ler, assistir a encontros desportivos e viajar. Êle é casado com a ex-estrêla Marilyn Johnson e possui uma encantadora filhinha que atende pelo nome de Pamela.

YVONNE DE CARLO...

(Cont. da pág. 44)

É excelente amazona, e tem ganho diversos troféus em hipismo e «rodeos», e pratica equitação freqüentemente nas cocheiras de sua casa perto de Coldwater Canyon. E essa atividade hípica é que a mantém feliz, saudável e delgada. Sua perfeita e natural cor da pele é atribuida por ela, de beber bastante água e fazer exercícios ao ar livre, ao alvorecer. Não tolera bebidas alcoólicas, nem fuma, e poucas vêzes aparece em festas, e quando o faz prefere a de grupos pequenos e amigos.

Fala francês e espanhol, e sua leitura favorita é sôbre teatro, Shakespeare e mitologia grega. Prefere óperas e sinfonias às músicas populares, e possui notável coleção de discos clássicos. Outro de seus orgulhosos hábitos é a fotografia e cinematografia — amador, e tem centenas de filmes «de casa» e dos locais exteriores em que trabalha ou de suas viagens. Embora extremamente fotogênica no cinema, e atraente na vida real, Yvonne não se parece com ela na tela, e mais fácil do que outros «astros», pode misturar-se com o povo sem ser reconhecida. Ela tem tido mais romances amorosos que outra atriz de Hollywood, mas permanece solteira e insiste que evitará, pelo presente pelo menos, qualquer compromisso mais sério, particularmente se interferir em sua carreira e sua vida errante. Gosta de animais domésticos, principalmente gatos e cachorros, e dêstes últimos tem sete em casa, sendo cinco «poodles» franceses, um cão policial e um «collie». Dirige um Jaguar que leva sempre em suas viagens transoceânicas para suas visitas continentais, e costuma acompanhar-se de sua tia e um casal de caninos.

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 **Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates**

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

TEM CASPA?
Caem os Cabelos?
JUVENTUDE ALEXANDRE


ELIMINA A CASPA
Evita a Quéda

Michael Rennie

TÃO grande foi o sucesso de Michael Rennie no seu cinema de origem — o inglês — que Hollywood acenou-lhe com vantajoso contrato e êle trocou os estúdios londrinos pelos de Hollywood. É um ator correto, sóbrio como todo bom inglês e um sujeito que gosta de fazer amizades. Seu nome começa a ser lembrado para grandes papéis e êle os tem tido (Rebelião na Índia e o Egípcio). A Fox tem muitos planos a seu respeito e os fãs brasileiros ainda assistirão a muitos filmes com êsse artista de talento que os inglêses lançaram e perderam para Hollywood. Apesar disso, lucrou o artista e o próprio cinema com essa troca, pois não se pode negar que em Hollywood, Michael Rennie terá possibilidades maiores de demonstrar todo o seu imenso talento de intérprete.



Laura Hidalgo

BELEZA DO CINEMA ARGENTINO

Laura é bela nos filmes e na vida real!

É com justiça que se proclama a beleza de Laura Hidalgo, atualmente a rainha do cinema argentino. Ela estêve filmando no Brasil (Bahia) e desde então seu nome se tornou familiar aos brasileiros. "Estrêla" internacional, veio gosar suas férias na "sua adorada Copacabana", retemperando as energias para novos triunfos no cinema. Se pudesse continuaria por aqui, filmando e vivendo em Copacabana...